

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

RENATA DA SILVA

**A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE REFUGIADOS DA VENEZUELA NO
BRASIL**

São Borja

2019

RENATA DA SILVA

**A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE REFUGIADOS DA VENEZUELA NO
BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

**São Borja
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S586c Silva, Renata da
A cobertura jornalística sobre refugiados da Venezuela no Brasil / Renata da Silva.
95 p.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, JORNALISMO,
2019. "Orientação: Geder Luis Parzianello".

1. Imigração. 2. Análise do Discurso. 3. Representação. 4. Identidade

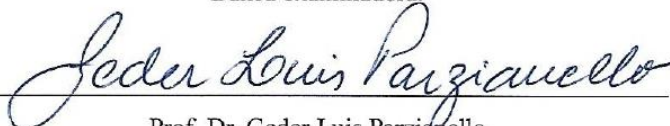
RENATA DA SILVA

**A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE REFUGIADOS DA VENEZUELA NO
BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Comunicação
Social - Jornalismo da Universidade
Federal do Pampa, como requisito
parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Comunicação Social
Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 02, dezembro de 2019.

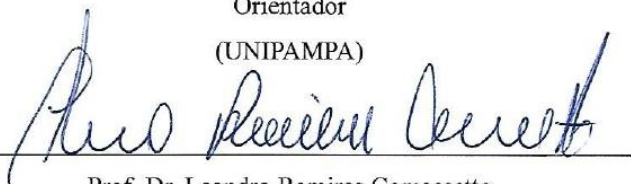
Banca examinadora:



Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

Orientador

(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Leandro Ramires Comassetto

(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Muriel Pinto

(UNIPAMPA)

A todos aqueles que se arriscam em busca de
uma vida melhor.

AGRADECIMENTOS

Eu nunca gostei de tirar fotos. Enquanto minhas amigas adoravam registrar em imagens nossos momentos juntos de diversão, eu me sentia mal por estar fingindo um sorriso ou uma pose para tentar ficar o melhor possível na foto. Com o tempo, isso foi se unindo a outros costumes que eu também não me sentia bem. Falar para um grande público, expressar minha opinião para pessoas que eu não tinha o mínimo de confiança ou me vestir de um modo simples para não chamar a atenção, foram coisas que fizeram com que os outros não soubessem ao certo quem eu era, um tipo de disfarce que encobria minha personalidade.

Isso só mudou quando comecei a ter mais confiança em mim mesma, que eu não precisava me expor em frente às câmeras ou postar fotos minhas a todo momento nas redes sociais para ser notada pelos outros. Bastava apenas me expressar ou falar a minha opinião sobre algo que me interessava ou me afetava diretamente para ser notada. Isso apenas foi possível graças aos amigos que fiz durante esses quatro anos da graduação, ao fortalecimento de laços antigos que eu já tinha com outras pessoas do meu passado e perceber que um professor não precisa ser visto somente como uma pessoa que apenas aplica o conhecimento em sala de aula e depois vai embora. Por isso, sei da importância que é ser vista e identificada não somente pelo exterior e superficial, mas pelo profundo e real.

Pelas três grandes amizades que fiz na graduação, Nádia, Carolina e Alexandre, que me mostraram o quanto o diálogo é importante nas horas de medo e insegurança, à minha querida irmã Roberta, que sempre esteve disponível para me ouvir e me aconselhar nos momentos difíceis e ao professor Geder Parzianello, o melhor orientador que pude ter para me auxiliar no trabalho mais importante da minha graduação e que com certeza levarei sempre no meu coração e com muito carinho.

Pessoas que contribuíram e muito pelo meu amadurecimento pessoal nesses anos e que com certeza me fizeram uma pessoa melhor, que valoriza os pontos positivos e até mesmo os defeitos que constituem quem eu sou.

“A identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e de contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”.

Stuart Hall

RESUMO

A mídia brasileira realizou uma cobertura noticiosa sobre imigrantes venezuelanos e os conflitos gerados pelos fluxos migratórios. Nossa pesquisa apresenta a representação da figura do imigrante na mídia entre 2018 e 2019. Esse período foi marcado por narrativas específicas que gravamos como divididas em dois momentos. A pesquisa utilizou a teoria e a metodologia da Análise do Discurso francesa, e desenvolveu o estudo qualitativo em torno dessas representações. O estudo é baseado nos conceitos de Orlandi e Souza, na tradição de Michel Pêcheux, e investigou o discurso verbal e visual através de três noticiários nacionais e dois portais de notícias na Internet. A amostra da pesquisa envolveu 60 matérias e levou em consideração o contexto de produção e circulação dessas notícias, bem como a forma de suas narrativas e constituintes de seu discurso. Os conceitos centrais trabalhados em diáspora, identidade e migração foram baseados em estudos culturais da tradição britânica, baseados na matriz teórica definida com Stuart Hall. A pesquisa conclui o fenômeno migratório, representado na mídia como um elemento não natural da sociedade, que afeta a maneira como a sociedade percebe o indivíduo migrante e os coletivos de massa das migrações.

Palavras-Chave: Representação, Imigração, Venezuelano, Análise de Discurso, Identidade, Jornalismo.

ABSTRACT

Brazilian media have carried out news coverage about Venezuelan immigrants and the conflicts generated by migratory flows. Our research presents the representation of the immigrant figure in the media between 2018 and 2019. This period was marked by specific narratives that we recorded as divided into two moments. The research used the theory and methodology of French Discourse Analysis and developed the qualitative study around these representations. The study is based on Orlandi and Souza's concepts in the tradition of Michel Pêcheux and investigated the speech through verbal and visual through three national newscasts and two news portals on the Internet. The research sample involved 60 stories and took into consideration the context of production and circulation of this news, as well as the form of their narratives and constituents of their discourse. The central concepts worked on Diaspora, Identity, and Migration were based on cultural studies of British tradition, based on the theoretical matrix defined with Stuart Hall. The research concludes the migratory phenomenon as represented in the media as an unnatural element in society, which affects the way society perceives the migrant individual and the mass collectives of migrations.

Keywords: Representation, Immigration, Venezuelan, discourse analysis, Identity, Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Menino sírio encontrado morto em praia turca.....	22
Figura 2: Âncora William Bonner com uma BG ao fundo	38
Figura 3: Venezuelana em abrigo improvisado (R7 - 14/04/2018).....	40
Figura 4: Venezuelanos em praça (SBT Brasil - 20/03/2018)	40
Figura 5: Grupo de venezuelanos (SBT Notícias - 22/02/2018).....	42
Figura 6: Venezuelanos em praça (SBT Brasil - 20/03/2018)	42
Figura 7: Secretário de Saúde de Roraima (JN - 15/02/2018)	43
Figura 8: Comitê Federal de Assistência Emergencial (SBT Brasil - 22/02/2018)	44
Figura 9: Ex-presidente Michel Temer (R7 - 13/04/2018)	44
Figura 10: Pai e filho venezuelanos (R7 - 14/04/2018)	47
Figura 11: Repórter entrevista venezuelana (JN - 17/02/2018)	48
Figura 12: Relato de imigrante venezuelano (R7 - 14/04/2018).....	49
Figura 13: Relato de imigrante venezuelano (R7 - 28/04/2018).....	49
Figura 14: Depoimento da Venezuelana Eucaris (R7 - 14/04/2018)	53
Figura 15: Criança venezuelana sendo vacinada (JN - 15/02/2018).....	54
Figura 16: Venezuelanos desembarcando de avião (SBT Notícias - 06/06/2018).....	55
Figura 17: Venezuelana Maria (SBT Brasil - 17/07/2018)	56
Figura 18: Venezuelano Luis (JN - 04/07/2018).....	57
Figura 19: Venezuelano ex-engenheiro elétrico (JN - 04/07/2018).....	57
Figura 20: Comerciante em maca (JN - 18/08/2018).....	58
Figura 21: Acampamento de venezuelanos sendo destruído (JN - 18/08/2018).....	59
Figura 22: Venezuelanos Jesus Oitia (R7 - 24/08/2018).....	59
Figura 23: Venezuelanos em ônibus (SBT Notícias: 30/08/2018).....	60
Figura 24: Depoimento do venezuelano Vallenila (R7 - 24/08/2018).....	61
Figura 25: Venezuelanos embarcando em avião (JN - 28/08/2018)	62
Figura 26: Cozinha de hospital em Pacaraima (R7 - 06/09/2018)	64
Figura 27: Recepção de venezuelanos em Esteio - RS (G1 - 06/09/2018)	65
Figura 28: Abrigo em Roraima (SBT Brasil - 23/11/2018)	65
Figura 29: Professora brasileira ajudando família de venezuelanos (JN - 25/12/2018)	66
Figura 30: Venezuelana Verônica Castañeda (SBT Brasil - 25/01/2019)	67
Figura 31: Venezuelano Juan com família (JN - 25/12/2018)	68

Figura 32: Militar explicando sobre o processo de interiorização (SBT Brasil - 23/11/2018)	68
Figura 33: Âncora Carlos Nascimento introduzindo matéria (SBT Brasil - 25/01/2019)	69
Figura 34: Venezuelano Félix (JN- 25/12/2019).....	70
Figura 35: Prateleiras de mercado na Venezuela vazias (SBT Brasil - 02/02/2019)	71
Figura 36: Queda do comércio em Pacaraima (JN - 08/03/2019).....	72
Figura 37: Venezuelano Luis, com seu comentário (R7 - 30/04/2019)	73
Figura 38: Policiais bloqueiam a passagem de venezuelanos (SBT Brasil - 22/02/2019	74
Figura 39: Policiais impedindo passagem para aduana (JN - 08/03/2019).....	74
Figura 40: Âncora introduzindo matéria com BG ao fundo (SBT Notícias - 23/02/2019).....	75
Figura 41: Âncora introduzindo matéria, com BG ao fundo (JN - 23/02/2019).....	75
Figura 42: Venezuelanos dormindo em rua de Pacaraima (JN - 01/05/2019)	77
Figura 43: Grupo de venezuelanos (JN - 01/05/2019)	77
Figura 44: Ministro Augusto Heleno (JN - 02/05/2019).....	78
Figura 45: Manifestação a favor de Guaidó (JN - 02/05/2019)	78
Figura 46: Venezuelanos coletando objetos em lixão (JN - 02/05/2019)	78
Figura 47: Imigrantes venezuelanos em ponte (G1 - 21/05/2019).....	79
Figura 48: Imagem da venezuelana Ronneilys (G1 - 19/06/2019)	79
Figura 49: Local onde vive família de venezuelanos (G1 - 28/06/2019).....	80
Figura 50: Imigrante síria fazendo pão (SBT Brasil - 09/07/2019)	81
Figura 51: Gerente Sara Galvão (SBT Brasil - 09/07/2019).....	81
Figura 52: Pai e filho venezuelanos recebidos por voluntários (G1 - 03/07/2019).....	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A MIGRAÇÃO NO CONTEXTO HISTÓRICO	15
3 A ATUAÇÃO DO JORNALISMO NO CONTEXTO MIGRATÓRIO	
VENEZUELANO	21
3.1 A construção da realidade pelo jornalista	23
3.2 A argumentação dentro do discurso	25
3.3 Conceitos teóricos em torno da migração.....	28
3.4 A construção da identidade do sujeito.....	33
4 ANÁLISE DO DISCURSO MUDIÁTICO BRASILEIRO.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

Durante o ensino médio nas escolas brasileiras, estudamos sobre as migrações que ocorreram no Brasil em consequência das duas grandes guerras mundiais e como a presença de imigrantes alterou a estrutura do país. Com a chegada de japoneses, italianos, alemães e outros povos que foram responsáveis pela diversidade de grupos e costumes que temos em um único território, parece impossível pensar como seria hoje esse nosso país sem as diferenças culturais causadas pela migração. Vemos o reflexo desse movimento até os dias atuais. Grandes centros como São Paulo com a Avenida Paulista e o bairro Liberdade, pontos turísticos de convergência de diferentes grupos culturais, possuem rostos com características únicas e diferentes, que representam a população brasileira. Reflexo também presente nas ruas de São Borja e de tantas outras cidades e bairros desse Brasil e de nações do mundo todo.

Ao pensar nos movimentos migratórios recentes, nos recordamos do contexto migratório da Síria em 2015. Imagens de conflitos do país do Oriente Médio, com bombardeios a cidades e a populações inteiras, pessoas se arriscando em alto mar em busca de uma vida melhor e a imagem que foi símbolo de uma tragédia humana, com o menino sírio Alan Kurdi, de quatro anos, encontrado morto em uma praia na Turquia, incorporaram as narrativas jornalísticas da época, fazendo com que diversas nações e grupos sociais se sensibilizem com a causa migratória.

Nessa monografia se busca mostrar como a mídia, o dispositivo disciplinar que a sociedade tem como referência para interpretar o mundo, representa a migração venezuelana no Brasil, que ocorre próxima de nós geograficamente, em um contexto de desestabilização do mundo global e que nos afeta diretamente.

Para isso, a presente pesquisa buscou analisar 60 matérias de cinco veículos midiáticos diferentes, os telejornais Jornal Nacional, o SBT Notícias e o SBT Brasil, além de dois portais de notícias online, o G1 e o R7 para observar como o discurso apresentado nelas forneceu elementos para constituir a representação dos imigrantes venezuelanos pela mídia. A metodologia utilizada nessa pesquisa, de caráter qualitativo, para alcançar o objetivo proposto foi a da Análise do Discurso de linha francesa iniciada por Michel Pêcheux, com o aporte teórico de Eni Orlandi e Jorge Pedro Souza, a técnica de investigação, unida aos conceitos teóricos da área dos estudos culturais a partir do autor Stuart Hall e das teorias do jornalismo.

As matérias que compõe o corpo de análise compreendem desde o período de fevereiro de 2018 a agosto de 2019, tempo de recorte selecionado para abordar o período

anterior e posterior ao fato principal, agosto de 2018, em que os acontecimentos da migração venezuelana resultaram em um episódio de violência contra os imigrantes na cidade de Pacaraima, por seus próprios moradores.

A seguinte monografia está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta o contexto histórico em que a migração venezuelana se encontrou, dentro de um período em que ocorriam outros movimentos migratórios na América Central e políticas de controle de entrada de pessoas em países como Estados Unidos e México, além do contexto político e social da Venezuela, fatores de influência no crescente número de imigrantes venezuelanos, com uma crise financeira e disputa presidencial entre duas figuras políticas do país. O cenário brasileiro também é apresentado, ao mostrar a decisão do Brasil em relação ao acordo mundial da imigração e o ocorrido em Pacaraima, em agosto de 2018.

O segundo capítulo apresenta as teorias, os conceitos e os autores teóricos utilizados durante o trabalho. A Análise do Discurso se apresenta nessa monografia como a principal base teórica para análise das matérias, através dos conceitos trabalhados pela autora Eni Orlandi (2010). Para entender o discurso jornalístico, a utilização das Teorias do Jornalismo, com a Teoria Construcionista, baseada nos conceitos dos autores Nelson Traquina (2005) e Sérgio Luiz Gadini (2007) e a atuação do jornalista como *gatekeeper* também são trabalhadas. Sabendo que não é possível a formação do discurso sem um sujeito e esse não pode ser dissociado de sua ideologia, o capítulo teórico também insere a argumentação na Análise do Discurso, teoria baseada nos conceitos da autora Ruth Amossy (2016), com o objetivo de revelar o sentido presente no discurso. Para abordar a migração, se utilizou os termos trabalhados por Stuart Hall (2008, 2006) em torno da ideia de Diáspora e a identidade do sujeito na pós-modernidade. A análise das matérias, apresentadas no terceiro capítulo, se divide em seis períodos e uma análise holística de todas as matérias ao final do capítulo. Cada período de análise compreende três meses e um com quatro meses, distribuição elaborada para melhor organização e relacionamento entre o contexto presente e a veiculação das matérias, visto que em certos momentos, um mesmo contexto surge interferindo na produção discursiva de mais de um mês.

Cada período foi analisado de modo separado, a fim de encontrar elementos textuais e visuais que contribuíssem para o entendimento da formação discursiva apresentada pela mídia. Ao final do capítulo, foi realizado um cruzamento de dados de todos os meses para se entender qual a representação feita pela mídia sobre a figura do imigrante venezuelano de modo geral. Durante a análise das matérias, foi observado o tipo de imagem que era associada à figura do imigrante, quando esse era citado nas matérias, os termos utilizados para se referir

a ele, quais figuras eram atribuídas um valor de importância e o contexto em que os discurso nas matérias se encontravam.

O capítulo 4 apresenta as considerações finais do trabalho. Estruturado em um resumo sobre o assunto tratado nessa pesquisa, a resposta à pergunta principal do trabalho, a importância dele para o meio acadêmico e uma reflexão sobre o papel do jornalismo em uma sociedade globalizada e que impõe fronteiras simbólicas e físicas de exclusão.

2 A MIGRAÇÃO NO CONTEXTO HISTÓRICO

Em 2018, o Brasil foi um dos destinos da migração venezuelana. O país recebeu muitos venezuelanos que migraram em consequência de problemas sociais e políticos. Segundo estimativas do IBGE¹ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), cerca de 10 mil venezuelanos entraram no país nos seis primeiros meses de 2018. Esse número foi crescendo com o passar do tempo, com discussão no Brasil sobre os movimentos migratórios que estavam ocorrendo na América Latina e o papel de órgãos governamentais em relação à situação dos imigrantes.

Criada em 24 de outubro de 1945 após o fim da 2ª Guerra Mundial, a ONU (Organização das Nações Unidas) é o principal órgão mundial de referência que busca assegurar os Direitos Humanos a população mundial. Ao todo, 193 países participam da ONU, sendo 51 países fundadores, entre eles o Brasil.

A ONU também é responsável por promulgar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, criada em 1948 por Eleanor Roosevelt em 1948, que na época ocupava o cargo de Presidente da Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas. Contando com 30 artigos, a Declaração assegura direitos como “à vida, à liberdade e à segurança pessoal”² a todas as pessoas.

Em um contexto de mundo globalizado, onde diferentes povos convivem em um mesmo território, tendo presente também conflitos culturais entre eles, devemos perceber que

vivemos uma época marcada pela mundialização da economia e pela aceleração da mobilidade, da comunicação, da integração e da interdependência, das migrações e dos deslocamentos de populações, da urbanização e da transformação das formas de organização social (Declaração de Princípios sobre a Tolerância, 1995, p. 13)

Além disso, em todo o mundo “os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais e, de fato, do próprio globo” (HALL, 2003, p. 45).

A questão dos refugiados foi sempre uma questão tão preocupante em nível mundial que logo após ter sido criada em 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU), já possuía um departamento específico para cuidar do problema. Com o fim da União Soviética, boa

¹ Disponível em < <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/08/29/brasil-tem-cerca-de-308-mil-imigrantes-venezuelanos-somente-em-2018-chegaram-10-mil-diz-ibge.ghtml> > (Data de acesso: 15 de out. de 2019)

² Declaração Universal dos Direitos Humanos. UNIC/ Rio/ 005, Janeiro 2009. Artigo III, p. 5

parte das chamadas nações do Leste europeu passaram a ser comandadas por governos conservadores e partidos de extrema direita, hostis ao comunismo, ao islamismo e minorias sociais estrangeiras, o que acirrou ainda mais a questão das migrações no continente europeu (KUNSCH, 2002).

Sendo que “a caracterização do refugiado era realizada a partir do pertencimento a grupos reconhecidamente perseguidos” (TEIXEIRA; ZACKSESKI, 2017, p. 172), a definição do termo como conhecemos hoje surgiu apenas na primeira metade do século XX, pela Sociedade das Nações, criada após o fim da Primeira Grande Guerra.

Movimentos de refugiados ocorreram nas Guerras Napoleônicas, nas batalhas de unificação na Itália e na Alemanha e numa série de revoluções sociais dos dois últimos séculos. A recessão econômica de 1930, o governo de Salazar em Portugal e a guerra civil espanhola, as perseguições religiosas na antiga Iugoslávia, hoje território da Croácia, Bósnia-Herzegovina e Macedônia, enfim, as guerras dos Bálcãs e tantos outros conflitos, todos foram cenários que fomentaram a saída de populações de seus territórios em direção a destinos incertos ou a terras de menos conflitos e mais chances de sobrevivência. Nesta trajetória morreram muitas pessoas, mesmo crianças, gestantes e idosos, por cansaço, por doenças e ou por condições ambientais como o frio e a fome, em meio à dificuldade de chegar à nova terra, vindos pelo mar, de maneira clandestina, condição última esta que não foi, efetivamente, aquela encontrada pelos sírios que cruzaram a pé boa parte da Europa em direção à Alemanha e cujas barreiras foram cercas de arame e diante da truculência de governos e militares como na Hungria, ou de milícias civis, armadas, em defesa da soberania de suas fronteiras como as que são vigentes até hoje nas fronteiras entre o México e os Estados Unidos.

No caso brasileiro, a resistência aos venezuelanos foi tardia por parte da população de Roraima, diante da escassez de condições sociais, sobretudo, de saúde e emprego, para quem chegava ao novo destino. Os venezuelanos que vinham ao Brasil também não enfrentaram as mesmas dificuldades que as históricas populações de migrantes na Europa, pois chegavam ao Brasil por fronteira seca, tendo por inimigo combativo, em primeiro lugar, o próprio governo de Nicolás Maduro, sucessor eleito do ditador Hugo Chávez, e que governou a Venezuela por 14 anos. A fome gerada no país, com alta inflacionária, a baixa perspectiva de vida e emprego, alguns movimentos de insurgência civil, conflitos armados e a truculência contra dissidentes, entre eles, inclusive militares, fizeram com que o número de imigrantes crescesse vertiginosamente, estando a Colômbia e o Chile, após o Brasil, entre os países da América do Sul como destinos preferenciais dos venezuelanos que saíam de seu país em busca de novas oportunidades e sobrevivência.

A imigração de venezuelanos para o Brasil começou a ter expressividade no final de 2017 e início de 2018. Segundo a ACNUR³ (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), o estado de Roraima recebeu em 2017 cerca de 16 mil venezuelanos solicitando o status de refugiados no Brasil. Em 2018, esse número subiu para 50 mil. A cidade de Pacaraima, no estado de Roraima, é a porta de entrada de venezuelanos para o país.

Segundo a Organização das Nações Unidas⁴ (ONU), a crise migratória tende a piorar em 2020, com 6,5 milhões de pessoas saindo do país vizinho. Para entender esse cenário diaspórico da Venezuela, é necessário apresentar o contexto histórico que a Venezuela apresentou nos últimos anos, além da mudança que o país enfrentou em relação a sua estrutura econômica.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, a economia da Venezuela passou por uma transição de uma economia focada na agricultura para a coleta e exportação de petróleo e seus derivados. O país é um dos membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), tendo as maiores reservas do mundo. No final de 2018, a Venezuela possuía a maior reserva de petróleo bruto, com 25,5% da reserva mundial segundo a Opep⁵.

Em 2015, a economia do país era baseada em 90% na exportação e venda de petróleo. Entretanto, o petróleo encontrado no país é do tipo pesado, ou seja, seu custo para extração e refinamento é alto, elevando o valor de produção. Além disso, o valor da venda do barril de petróleo é determinado pelos países que mais o exportam e pelos principais compradores. Segundo a Opep⁶, desde 2015, a quantidade de petróleo bruto exportado pela Venezuela vem caindo. Em 2018, o país exportou 1,27 milhões de barris por dia (mb/d), enquanto os três países que mais exportaram foram Arábia Saudita (7,37 mb/d), Iraque (3,86) e Kuwait (2,05 mb/d), todos localizados no Oriente Médio.

Com isso, a Venezuela viu sua principal fonte de economia ser desvalorizada. Tendo o país não investido em outros setores, como agropecuária e indústria, nem ao menos na própria produção de petróleo, com a queda do valor do preço do barril, o governo venezuelano ficou com sua principal fonte de renda ameaçada.

Com a venda de petróleo e sem o investimento na área industrial, o país importa seus produtos de outros países para disponibilizar entre seus cidadãos. Segundo o *Observatory of*

³ Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/> > (Data de acesso: 16 de out. de 2019)

⁴ Disponível em: < <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/onu-alerta-para-piora-da-crise-de-refugiados-venezuelanos-em-2020-1.376058> > (Data de acesso: 16 de out. de 2019)

⁵ Disponível em: < <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/onu-alerta-para-piora-da-crise-de-refugiados-venezuelanos-em-2020-1.376058> > (Data de acesso: 16 de out. de 2019)

⁶ Disponível em: < <https://asb.opec.org/index.php/interactive-charts/oil-trade> > (Data de acesso: 16 de out. de 2019)

*Economic Complexity*⁷ (OEC), em 2017, o país importou um total de US 9,1 bilhão, porém, o total importado foi diminuindo com o decorrer dos anos, queda sentida desde 2012, o que resultou em uma escassez de produtos e alimentos no país.

Sem o dinheiro para as importações, a Venezuela passou por um período de escassez de alimentos e até mesmo produtos básicos. Uma das soluções para conter a alta inflação do país foi a desvalorização do bolívar, moeda oficial do país, de 95,8% em agosto de 2018. Neste contexto, o custo de vida no país se tornou muito alto para os venezuelanos.

Outro acontecimento que marcou o cenário da Venezuela foi a disputa política entre o presidente Nicolás Maduro e Juan Guaidó, presidente da Assembleia Nacional da Venezuela. Em março de 2019, Juan Guaidó se autoproclamou presidente interino do país, sendo reconhecido e contando com o apoio de países como Estados Unidos e Brasil, gerando conflitos entre os apoiadores de Maduro e de Guaidó.

As eleições para a presidência do país ocorreram em maio de 2019. Maduro foi eleito com uma votação que foi considerada fraudulenta e manipulada, o que gerou protestos contra e a favor do presidente, que representou a continuação do governo chavista que há anos constitui a política do país. Cenário já previsto por Achille Mbembe⁸, em que "o principal choque da primeira metade do século XXI não será entre religiões ou civilizações. Será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o niilismo".

No Brasil, os imigrantes venezuelanos encontraram outro cenário, resultado de sua entrada e decisões políticas adotadas no país.

Os impactos da migração venezuelana no Brasil foram sentidos de modo intenso em agosto de 2018, quando moradores da cidade de Pacaraima, no estado de Roraima, motivados por um assalto ocorrido a um comerciante local, sendo os suspeitos um grupo de venezuelanos, atacaram um acampamento improvisado de imigrantes venezuelanos na cidade. A região, com poucos recursos e sem estrutura para atender um grande contingente de pessoas, e sem a atuação do governo local, fez com que a única solução encontrada pelos moradores de Pacaraima fosse o ataque direto aos grupos imigrantes, o que levou a muitos deles voltarem para a Venezuela. Conflitos esses que "tomarão cada vez mais a forma de racismo,

⁷ Disponível em: < <https://oec.world/pt/profile/country/ven/#Importa%C3%A7%C3%A3o> > (Data de acesso: 17 de out. de 2019)

⁸ Disponível em < <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando> > (Data de acesso: 16 de out. de 2019)

ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais, fazendo crescer a desigualdade entre o mundo”⁹.

Outro elemento presente no contexto migratório venezuelano no Brasil foi a confirmação do aumento de casos de sarampo no país, principalmente na região Norte, como Roraima e Amazonas. A presença da doença se deu no mesmo momento do intenso fluxo de venezuelanos na região, visto que no país vizinho, a vacina contra o sarampo não é obrigatória, fazendo com que o governo brasileiro providenciasse uma campanha de vacinação para atender aos venezuelanos no país.

A imigração venezuelana também se difere das outras migrações ocorridas na história do Brasil, pois ela aconteceu junto a um contexto migratório na América Central. Em outubro de 2018, caravanas de pessoas saindo de países como Honduras, Guatemala, El Salvador e Nicarágua em direção aos Estados Unidos e México começaram a surgir. O movimento das caravanas surpreendeu a mídia e políticos internacionais pela ausência de líderes, manifestações ideológicas e pelo grande número de pessoas que aderiram a elas. Segundo a professora universitária na Cidade do México, Amarela Varela¹⁰, *“no es una caravana de migrantes, sino éxodo de desplazados, pero sobre todo es un nuevo movimiento social que camina por una vida vivible”*. As caravanas são compostas por grupos de pessoas, de diferentes idades, que buscam uma vida melhor, em consequência do que Varela denomina como “violência neoliberal”, com salários baixos, impunidade política e isenção de fala sobre a violência extrema presente nas ruas nesses países.

Com resposta a esses movimentos e sendo uma de suas promessas de campanha, o governo do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, começou a construção de um muro para impedir a entrada de imigrantes ilegais no país, com mais de mil quilômetros de extensão entre o EUA e o México.

O que destaca a migração de populações da América Central no cenário internacional é por ela ser composta de grandes grupos, que se deslocam por trilhas clandestinas, buscam uma vida melhor, sendo a migração a única solução visível.

No cenário brasileiro, em relação à política internacional, a decisão do governo do Brasil de sair do Pacto Global para a Migração no início do ano, foi outro fator que interferiu no contexto migratório presente. A decisão foi vista com maus olhos pela comunidade internacional, pois o Pacto, adotado por mais de 160 países, todos membros da ONU, tem

⁹Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando> > (Data de acesso: 16 de out. de 2019)

¹⁰ Disponível em: < https://www.eldiario.es/interferencias/Caravana_migrantes_6_832276775.html > (Data de acesso: 10 de out. de 2019)

como objetivo “tornar os fluxos migratórios mundiais mais seguros e ordenados¹¹”. Decisão que reflete no significado que o Brasil, representado pelas figuras políticas, não vê com bons olhos a migração, processo natural da sociedade, responsável até mesmo pela formação da população brasileira, composta por diferentes grupos étnicos durante sua história.

Decisões como essas que afetam o modo de tratamento em relação aos imigrantes, ao isentar o governo de suas obrigações em relação a esse grupo e dificultar a entrada no país. Neste cenário migratório, "os meios de comunicação devem desempenhar um papel construtivo, favorecendo os valores da tolerância e ressaltando os riscos da indiferença à expansão das ideologias e dos grupos intolerantes"¹².

Em um contexto de instabilidade e exclusão, “a comunicação constitui um precioso recurso político, social e simbólico para a organização das comunidades migrantes e seu posicionamento favorável no país de destino e para com o resto da sociedade de acolhimento” (ELHAJJI, 2017, p. 218).

O jornalista, com sua função social de dar voz a aqueles que não são vistos pela sociedade, se torna mais que necessário neste período para apresentar e expor a realidade de grupos sociais como os imigrantes, para a quebra de estereótipos e visões deturpadas sobre a imagem do sujeito imigrante, já que a “mídia reproduz e reflete as atitudes da sociedade” (KUNSCH, 2002, p. 29).

¹¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/12/opinion/1547304022_687377.html> (Data de acesso: 15 de out. de 2019)

¹² Declaração de Princípios sobre a Tolerância, UNESCO. Paris, 16 de nov. de 1995, p. 14

3 A ATUAÇÃO DO JORNALISMO NO CONTEXTO MIGRATÓRIO VENEZUELANO

A imigração é um elemento que sempre esteve presente na história humana. Desde o período paleolítico, em que grupos nômades se deslocavam de um local para outro em consequência do clima e escassez de alimentos até as migrações ocorridas no século XX, pelas duas grandes guerras mundiais, os movimentos de migração foram sempre elementos que determinaram a configuração da sociedade a cada época. Porém, esses movimentos não cessaram. Eles continuam ocorrendo por fatores diversos em pleno século XXI, período definido como da globalização, que

se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (McGREW, apud HALL, 2006, p.67).

Mesmo neste contexto, com a presente ideia de aproximação de um mundo sem fronteiras, os movimentos migratórios são afetados por políticas adotadas sobre o controle de entrada de pessoas em certos países. Ou seja, o pensamento de uma sociedade globalizada se desestabiliza.

Os imigrantes no século XXI possuem uma particularidade: o que ocorre não é somente um movimento, ele se torna simbólico pelas representações e contestações que carrega consigo. É nesse contexto, que o papel do jornalismo aparece, retratando e construindo a realidade midiática desse fenômeno. Para compreender melhor a cobertura midiática sobre migrações e refugiados, cabe percorrermos a compreensão teórica em torno de certos conceitos, pela via das Teorias do Jornalismo e das Teorias do Discurso, de modo a se apresentar a imagem que a mídia brasileira constrói sobre os movimentos migratórios venezuelanos, e se essa representação é trabalhada do mesmo modo em diferentes mídias ou possuem narrativas e discursos variados.

Ao se pensar as produções noticiosas que trabalham com a migração, o jornalista, através do uso de certos elementos textuais e visuais, busca causar no público uma reação e para que ele receba essa realidade construída de forma a reconhecê-la e decodificá-la. Um dos casos que o uso da imagem resultou em uma realidade representativa para o público sobre esse fenômeno foi dado a conhecer no episódio em que uma foto divulgada nos veículos de mídia na qual um menino, encontrado morto em uma praia de Bodrum, na Turquia, em 2015,

comoveu a opinião pública mundial. Era aquele um período em que notícias sobre imigrantes mortos durante as travessias no mar eram bastantes presentes nos jornais e telejornais.

Figura 1: Menino sírio encontrado morto em praia turca



Fonte: zap.aeiou¹³

Esse impacto através das imagens é conhecido pelos jornalistas, já que nelas “encontramos intertextualidade¹⁴, enunciadores¹⁵ e dialogismo¹⁶, tal como nos textos verbais” (PINTO, 2002, p.37). Uma foto não diz apenas sobre a imagem que veicula, mas sobre todo seu contexto, e as referências intertextuais a que a imagem remete. Nesse sentido, diremos que a intertextualidade é um espaço de produção hermenêutica, como vimos nas aulas de Filosofia da Comunicação, do curso de Jornalismo. Ler uma imagem é mais que interpretar, é exercer uma decodificação a exemplo de um hermeneuta, que descobre sentidos por marcas indiretas contidas no dizer daquilo que se enxerga em primeiro plano.

Quanto ao aspecto dos enunciadores, é fundamental que digamos acerca das vozes que se fazem sentir nos discursos verbais ou mesmo visuais de mídia. Não são apenas narrativas de um lugar de fala, em geral, o repórter como enunciador técnico se funde ao narrador humano que é a pessoa dele, e que por sua vez traz no que diz toda a carga de sua sensibilidade, sua capacidade empática e sua força de atuação intersubjetiva. Nesse sentido, dizemos sempre que uma imagem “conversa”. E essa percepção da imagem como fala interativa com o receptor é que nos leva para a característica do dialogismo. Uma imagem jamais é um enunciado sendo ouvido sozinho, ela ecoa no que é dito sobre ela, e parece reagir no mundo da mídia ao que dela dizem, promovendo sentidos que se constroem na própria dinâmica da comunicação dialógica, da simbiose com o outro.

¹³ Disponível em: <<https://zap.aeiou.pt/imagem-de-crianca-siria-morta-na-praia-torna-se-simbolo-drama-dos-refugiados-81071>> Data de acesso: 03 de agosto de 2019.

¹⁴ Para a autora Julia Kristeva (2005, p. 68), a intertextualidade se dá, pois, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

¹⁵ Para o autor Bakhtin (2006, p. 124), o enunciado é resultado de “um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala...que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística”.

¹⁶ Segundo Barros e Florin (1999, p. 50), a noção de dialogismo se dá pela fala “de duas vozes coexistindo num texto, isto é, de um texto como atração e rejeição, resgate e repelência de outros textos”.

Mesmo que não seja necessário o uso de imagens, até mesmo a linguagem textual utilizada acaba sendo elemento de influência para o público, já que “toda fala tende a fazer compartilhar um ponto de vista, uma forma de reagir a uma situação ou de sentir um estado de fato” (AMOSSY, 2016, p.174), não importando o modo como é dada a comunicação.

3.1 A construção da realidade pelo jornalista

Ao se trabalhar um fato noticioso, seja uma cobertura extensa ou uma nota informativa, a mídia acaba por construir uma realidade, um recorte sobre um acontecimento, através de elementos discursivos que seleciona. Essa ação feita pela mídia é descrita pela Teoria Construcionista.

Elaborada durante a década de 70, a Teoria Construcionista se baseia na ideia de que “as notícias ajudam a construir a própria realidade” (TRAQUINA, 2005, p.168), tendo como personagem principal dessa construção, o jornalista, por apresentar um recorte da realidade através de um acontecimento midiático. Segundo Sérgio Gadini (2007), essa realidade não é somente uma representação, mas também uma simultânea e contínua construção social, que sempre está em constante transformação.

Essa teoria vai de encontro à Teoria do Espelho, em que “as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2005, p.146), onde “o papel do jornalista é definido como o do observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece”. Porém, com os avanços dos estudos na área da comunicação, se percebeu que a Teoria do Espelho exclui a influência que as matérias jornalísticas sofrem no momento da produção, pois o jornalista não “é um comunicador desinteressado, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de informar, procurar a verdade” (TRAQUINA, 2005, p.147).

Com a elaboração da Teoria Construcionista, se mostra que a realidade não é espelhada, mas representada e construída através da notícia, onde “o jornalista efetua, então, uma espécie de ‘mundo possível’ que apresenta na forma de representação discursiva que ganha visibilidade social por meio das estruturas de produção, circulação e consumo” (GADINI, 2007, p.86), possibilitando uma possível realidade.

Pelo fato de provocar no outro uma reação, pode-se considerar o jornalista como sendo um ator político. Segundo Timothy E. Cook (2011, p.203) “o jornalismo deve ser considerado não só como uma instituição, mas também como instituição política; em outras palavras, os

jornalistas são atores políticos”, que performam suas ações. A partir de seus atos políticos, o jornalista tem o poder de construir a realidade através de elementos que ele seleciona durante o processo de produção noticiosa. Um deles é de que “os jornalistas podem criar importância e certificar a autoridade tanto quanto refleti-la, ao decidir quem deve falar sobre o que e em que circunstância” (COOK, 2011, p.206), podendo desse modo, creditar fonte e conteúdo, além de que “os repórteres não refletem apenas a autoridade, eles também a reforçam” (COOK, 2011, p.212).

A atuação do jornalista como Gatekeeper também o faz ser um construtor da realidade, onde o profissional seleciona aquilo que ele considera relevante ou importante a ser veiculado. Segundo os estudos de Hofstetter (apud COOK, 2011, p.207), “o jornalismo é atraído para tipos específicos de histórias, com valores específicos, mais do que para outros”, certificando o pensamento de que “se os jornalistas não consideram algo digno de ser noticiado por seu próprio julgamento, o poder da fonte pode não ser suficiente para ver esse algo impresso ou no ar” (COOK, 2011, p.209). Se a mídia julgar um fato como não sendo de interesse público, ela não o veicula, e como consequência, para o grande público, ele não existe.

No processo de gatekeeper, a ideologia do profissional também está presente nessa seleção, já que sua escolha narrativa “é orientada pela aparência que a ‘realidade’ assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas” (TRAQUINA, 2005, pg.174), ou seja, mesmo que o jornalista tenha o poder de selecionar o que considera relevante, essa escolha está ligada à ideologia que carrega consigo o que impossibilita o jornalista de adotar uma postura totalmente neutra na construção das notícias.

O jornalista acaba sendo um ator político, pois, seu trabalho está envolvido na política, através do que ele decide mostrar, por influência de elementos externos e internos que ele sofre ao longo dos anos, elementos esses que aparecem em seu trabalho e dão visibilidade ao seu ponto de vista sobre os assuntos e influenciando o público, de um jeito ou de outro, certificando que todo ato jornalístico é um ato político, e que jornalistas são atores políticos não por espelhar a realidade, mas por construí-la através da notícia. Essa construção da realidade, a autora Mayra Gomes (2006, p. 15) denomina de quadrículo, ou enquadramento, em que se implica as diferentes formas de ver o mundo.

3.2 A argumentação dentro do discurso

As produções noticiosas, constituídas através de um discurso utilizado pelo jornalista possuem como objetivo apresentar e convencer o público a adotar a visão de realidade construída pelo profissional, já que “por sua natureza dialógica, o discurso se comporta como qualidade intrínseca a capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo” (AMOSSY, 2007, p.122), e mesmo que não tenha esse objetivo, segundo Amossy (idem), a fala que não busca o convencimento, direciona o modo como ele deve pensar.

Por estar atrelada à construção da notícia, a ideologia do jornalista se coloca em evidência a partir da opinião e a vertente que o profissional escolhe adotar sobre um fato, pois, “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2010, p. 47). Desse modo, o jornalista se utiliza da argumentação para que o público entenda e aceite a realidade que está sendo apresentada a ele.

Estando associada ao estudo da Retórica, a argumentação, vista como a “arte da persuasão” (AMOSSY, 2007, p.165), parece não pertencer ao discurso, mas pelos primeiros estudos de Jakobson (1963), essa aproximação entre os campos da argumentação e do discurso foi se constituindo. As argumentações, como explica Amossy (2007, p.171), “se constroem na densidade do discurso e que só fazem sentido no interior da rede interdiscursiva e do contexto comunicacional em que operam”, ou seja, as argumentações também se estruturam a partir de dois elementos que estão presentes no discurso: o contexto e o sujeito.

Dentro do campo do jornalismo, a argumentação se insere no discurso do jornalista a fim de convencer ou apresentar ao público que a sua opinião ou representação sobre certo assunto a ser trabalhado é válida, além do que, “a argumentação, presente ela ou não uma vontade manifesta de conduzir à aprovação, é sempre parte integrante do discurso em situação” (AMOSSY, 2007, p.122), sendo algo que não pode ser dissociado dele.

Como foi apresentado pela Teoria Construcionista, a construção da notícia não se dá de forma neutra, já que o sujeito que a estabelece acaba por colocar a sua ideologia nela. Mesmo que involuntariamente, o discurso aqui não pode ser entendido como algo que não busca a isenção. Através da elocução, o jornalista exprime seu pensamento por meio de palavras, ou até mesmo por não apresentar certos assuntos, ele resulta em um sentido para o público. Isso ocorre, pois, quando a mídia conta algo, ela faz uso da linguagem, e essa linguagem é simbólica e carrega consigo signos nas escolhas que faz, e com isso, se dirige a sujeitos com certa visão de mundo, do termo em alemão *Weltanschauung*.

Por linguagem, Hall (2008, p.262) entende como sendo “o meio por excelência através do qual as coisas são ‘representadas’ no pensamento, sendo, portanto, o meio no qual a ideologia é gerada e transformada”, mas, assim como o autor explica, ela não é fixada, não é algo com apenas uma definição, fazendo com que possa ter variadas interpretações sobre um mesmo conceito. A importância que se dá para a representação está dentro do que Althusser (apud HALL, 2008, p.171), apresenta sendo o modo de vivência da sociedade, já que para ele a vida é feita por “experiência, dentro da cultura, do significado e da representação” e que “sempre necessitamos de sistemas para representar o que o real significa para nós e os outros”, não sendo possível viver sem ideologia.

A ideologia, elemento de influência na construção de discurso, para Hall (2008, p.161-63), “constituem estruturas de pensamento e avaliação do mundo- as ‘ideias’ que as pessoas utilizam para compreender como o mundo social funciona, qual o seu lugar nele e o que devem fazer”, sendo sua função “reproduzir as relações sociais de produção”, dentro da sociedade.

Esse ato de apresentar um ponto de vista, segundo Charaudeau (2007), se dá já que todo o sujeito comunicacional quer apresentar ao outro seu discurso, seu pensamento sobre cada assunto, e é utilizando da argumentação que ele realiza essa comunicação de convencimento. Dentro dessa construção discursiva, um item que possibilita o estudo e observação da argumentação dentro desse quadro é a Nova Retórica, que “explicita as propriedades de diversos elementos discursivos que, juntos, com o uso de argumentos e de tópicos, empregados de modo adequado, podem ser eficazes na tentativa de provocar a adesão dos espíritos a uma tese” (AMOSSY, 2016, p.169), item que será utilizado para observar como as notícias sobre imigração são constituídas e narradas.

Conforme Amossy (2016, p.171), o uso da argumentação dentro do discurso, no campo jornalístico, ajuda a construir a realidade, na perspectiva socio discursiva, pois a “argumentação aparece como modelada pelas situações sociais, e, por sua vez, modelando a sociedade”, algo que o jornalista também leva em consideração no momento de elaborar suas matérias, o contexto em que os fatos ocorrem, que podem modificar a forma como é apresentado, e assim, construindo a realidade. Com isso, o público tem uma realidade sobre o mundo e a toma como verdade absoluta. Por esse motivo, Amossy (2007, p.127) irá colocar que “o público é sempre, insiste Perelman, uma construção do orador”, ou seja, aceita a verdade do jornalista para si e aplica no mundo em sua volta.

Sendo a mídia o ponto de referência em que a sociedade se orienta para entender e observar questões do cotidiano, o público tem a capacidade de escolher a realidade a partir de

qual veículo midiático consumir, pois “os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro, e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro” (RESENDE, 2007, p.83), além de que cada mídia interpreta a realidade a partir do conteúdo que ela decide veicular e como será veiculado. É nesse cenário que a argumentação se estabelece, com o objetivo de tentar convencer o público a adotar essa visão construída, fazendo com que o seu discurso, montado a partir da ideologia do jornalista, seja a realidade de como a sociedade irá ver e entender os assuntos que estão sendo veiculados. Isso acontece no campo da migração internacional, onde pensamentos originados do público sobre o imigrante estão carregados por elementos de construção de discurso que a mídia oferece sobre o tema, já que para o público essa realidade aparenta estar longe dele e parece ser totalmente diferente da que ele está habituado.

A análise do discurso é outra área de estudo que pode ser utilizada para entender os discursos produzidos no jornalismo. Entendido como um campo que “visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ele considera como atos no domínio simbólico” (ORLANDI, 2010, p. 26), a análise do discurso se torna importante, pois,

quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos neste processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade (ORLANDI, 2010, p. 35-36)

O discurso, definido como “efeito de sentido entre locutores” (PÊCHEUX apud SOUZA, 2014, p. 45-46), pode ser interpretado através de elementos textuais e visuais apresentados através da análise do discurso.

O interdiscurso, definido como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2010, p. 33), “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2010, p. 33), sendo necessário para isso observar o contexto em que o interdiscurso ocorre.

Outro termo presente na AD é a formação discursiva. Maingueneau (2004, p.16) considera que “não se pode dar um estatuto mais claro à noção de formação discursiva se não se levar em conta o conjunto de termos que designam as categorias sobre as quais a análise do discurso trabalha”. O linguista francês divide as unidades em tópicas e não tópicas. Na primeira, estão as de qualidade territoriais, que dimensionam a tipologia de discursos,

relacionados a setores da sociedade (o discurso das mídias, por exemplo). Nas unidades não tópicas, estariam discursos construídos conforme fronteiras estabelecidas pelo pesquisador, como os discursos racistas, ou o discurso colonial, por exemplo.

Conforme Parzianello (2019) uma formação discursiva não se constitui pela mera constatação de uma comparação simplista entre enunciados recorrentes. "Uma unidade que constitui uma formação discursiva não é uma redução de manifestações discursivas nem uma focalização plural de discursos semelhantes e apenas numérica". Importa ressaltar, diremos, com base no aporte teórico que nos subsidia a análise nesta pesquisa, o quanto as formações discursivas se encontram imbuídas de um caráter dinâmico e não funcionam como uma entidade. O corpus da amostra da pesquisa funciona assim, sempre como um espelho apenas de um fenômeno bem mais amplo do que o recorte necessário à pesquisa. É por isso que devemos tomar os exemplos na análise de dados, enquanto apenas ilustrativos de formações discursivas, mas singulares e representativos.

3.3 Conceitos teóricos em torno da migração

As ideias expressas por Stuart Hall em sua obra *Da Diáspora - Identidades e Mediações Culturais* (2008) possibilitam o estudo na área da migração, com o uso dos conceitos que o autor apresenta, podendo ser trazidos para o campo do jornalismo. O primeiro a ser explicado é o termo que irá refletir a ideia da migração, a Diáspora, descrita como “uma concepção binária de diferença” (HALL, 2008, p.32), estando “fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”(HALL, 2008, p.33).

Antes de abordar termos mais específicos sobre a migração, é necessário apresentar dois conceitos que estão presentes nos estudos na área da cultura que também estão na área da migração, o Multicultural e o Multiculturalismo. Hall (2008, p.50) coloca multicultural como um “termo qualificativo” que descreve os problemas sociais e de governo, dados em sociedade constituída por diferentes comunidades culturais convivendo em um mesmo espaço físico, mas cada uma carrega consigo elementos da sua cultura original. Multiculturalismo, um termo substantivo, “refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais” (HALL, 2008, p.50), soluções essas constituídas pelo modelo de globalização,

que busca alinhar as diferenças, tornando-se uma coisa única. Neste cenário, a sociedade multicultural aparece, para reforçar as culturas individuais e preservá-las.

Um elemento que sempre existe em sociedades, sejam elas mistas ou homogêneas, é a cultura. Para Hall (2008) o termo, além de não ter uma definição única, ainda é muito complexo. Para dar conta da abrangência do termo cultura, ele se utiliza de duas definições baseadas a partir de Raymond Williams, da Escola de Birmingham, em seu trabalho “The Long Revolution” (1961). Cultura, pela primeira concepção, se relaciona “à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns” (HALL, 2008, p.126), e na segunda, ela “é mais deliberadamente antropológica e enfatiza o aspecto de ‘cultura’ que se refere às práticas sociais” (idem). Dentro da sociedade, a cultura se torna responsável pelo papel de convergência, pois os indivíduos inseridos nela realizam, através de diálogos e compartilhando informações, a troca de significados em comum. Mesmo que uma pessoa traga elementos diferentes da visão dos demais, algum ponto semelhante traz pra se adequar ao ponto de vista dos demais. No caso da influência da mídia nas migrações, os indivíduos que são afetados diretamente por problemas relacionados a imigrantes, em comunidade, compartilham as mesmas dificuldades e adotam o discurso midiático que mais se assemelha ao pensamento deles. A experiência e pensamento que o indivíduo tem sobre algo pode contribuir para a maneira que ele enxerga a figura do imigrante, pois o modo como se vê as coisas é a maneira como se vive e como se acostumou a emoldurar a realidade.

A identidade do sujeito não é composta somente do seu eu interior. Ela é constituída através do convívio com outras pessoas que estão a sua volta e das modificações que vão surgindo pela diferença de lugar e cultura em torno dela. Além disso, “as relações sociais de pertencimento e reconhecimento de determinados momentos da história, constantemente estão gerando manifestações artístico-culturais, assim como narrativas identitárias no território” (PINTO, 2015, p. 53).

Para Hall (2008, p.15), a identidade é “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”, ela comporta elementos de diferentes lugares e culturas, que unidas, formam a identidade do sujeito. Entretanto, essa identidade não é fixa, pois a todo instante, recebe elementos de culturas externas, fazendo com que essa identidade esteja sempre em transformação.

Outro elemento agregador sobre a identidade do sujeito é o modo como é visto, ou seja, qual a representação que os demais fazem dele. Por representação, Hall (2008, p.169) define como “sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós

mesmos e os outros”, são os sentidos gerados através da ideologia e experiência da pessoa que contribuem para os significados atribuídos ao mundo.

Porém, baseado nas ideias de Lippmann, Stig Hjarvard (2014, p.22)

argumenta que as representações mentais podem não corresponder necessariamente à realidade verdadeira do mundo exterior, porque as representações da mídia dos assuntos políticos e sociais são muitas vezes baseadas em estereótipos preconceituosos, informação deficiente e manipulação política,

interferindo na concepção do público sobre determinado tema. Parte do que a sociedade utiliza para estabelecer as representações sobre certos elementos, vem do discurso apresentado pela mídia, que ao se utilizar de elementos como texto e imagem, ajudam a construir uma figura, como ocorre com a migração. A opinião gerada pelo jornalista sobre o tema contribui para a alteração da realidade que o conceito imigração propõe. Por imigrante, Hall (2008, p.178) vê um termo nada romântico, pois “coloca a pessoa inequivocamente como aquele que pertence a outro lugar”, e por essa ideia de não pertencer, características que são dadas a partir da raça e etnia são colocadas como evidência para diferenciá-lo dos demais.

Essas características que são expostas por imagens que acompanham os textos jornalísticos pela utilização de personagens na mídia em seu discurso realizam o trabalho de atender ao estereótipo que ela pretende reforçar. No cenário da migração, é comum ver os imigrantes serem retratados como pessoas que passam por dificuldades e se submetem a situações perigosas na busca de uma vida melhor. No jornalismo, essa imagem se torna habitual, pois o uso do estereótipo tem “muito desse molde rígido que permite a repetição. A base da rigidez e de reiteração, os estereótipos acabam parecendo naturais; seu objetivo é, na verdade, que não pareçam formas de discurso e sim formas da realidade” (FERRÉS, 1998, p. 153)

Sendo “uma construção política e social” (HALL, 2008, p.66), raça é uma “categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão- ou seja, o racismo” (idem) e para complementar a diferença entre indivíduos de culturas e ideologias diferentes, há o uso da etnicidade, em que as diferenças são originadas por elementos culturais e religiosos. A fim de “justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas” (HALL, 2008, p.66), tem-se a presença do racismo, contando com fatores da raça e da etnia, como forma de estabelecer de uma maneira lógica a repulsa e indiferença sobre pessoas que não compartilham da mesma cultura ou ideologia.

Diferenças essas que, segundo Hall (2008, p.33), não deveriam ser vistas como algo negativo, que separa povos, mas sendo “essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura” (idem), diferenças essas que possibilitaram sociedades mistas e com novos aprendizados.

As sociedades que Hall (2008, p.53) denomina de “culturalmente mistas”, as multiculturais, são possíveis através dos processos de imigração e movimento de povos que constituem o mundo, e os motivos que resultam desse deslocamento se dão por “desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, semiescravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico” (idem), fatores esses que são responsáveis por problemas sociais e políticos.

Por esses problemas, uma das soluções que alguns povos veem como saída é emigrar de sua terra natal para outra, com objetivo de se buscar uma vida melhor e, através desse deslocamento,

“por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estado-nação dominantes, das antigas potências e, de fato, do próprio globo” (HALL, 2008, p.43),

e esse contato entre diferentes povos e culturas transformam a identidade do sujeito e alteram a estrutura de uma sociedade tornando-a algo único, ato esse que pode ser apresentado pela globalização, considerado por Hall (2008, p.57), “um processo homogeneizante”, que coloca as diferenças dentro de seu controle. Processo esse que acaba tendo uma relação com o fenômeno da diáspora. Nela, povos saem de suas terras por alguma imposição sobre eles, levando consigo conhecimentos e culturas novas para outros lugares, que inseridas em um novo ambiente, possibilitam que a sociedade tenha novos pensamentos e certa aproximação com a região original dos povos que migraram. A quebra de certos estereótipos colocados sobre um grupo também é possibilitada por essa aproximação através do contato com outras culturas e a convivência em um mesmo espaço. Aproximação que abre espaço para a imprensa modificar o modo como ela representa a figura do migrante, pois os problemas relacionados aos povos que migraram não ocorrem longe, mas próximos de seu contexto social.

Parte da representação que a imprensa constrói sobre a figura do migrante se dá pelo uso de certos termos que o classificam em diferentes situações, sendo necessário expor as

diferenças entre cada um para melhor análise de matérias que abordam o tema. O primeiro, apátrida, é entendido como o indivíduo que se encontra “em contexto de deslocamento forçado ou não, isto é, em situação de não migração...que visa uma pessoa que pode se tornar apátrida sem deixar seu país¹⁷”. Outro termo que por um tempo se assemelhava ao apátrida é o refugiado. Sendo considerado como a pessoa que teme ser perseguida

por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontra-se fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país ou que, se não tem nacionalidade, encontra-se fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele¹⁸.

Outra categorização pertencente à migração é o termo Emigrante, definido como aquele que busca a

construção de uma nova vida que pode ou não excluir a ideia do retorno definitivo ao país de origem. Ele procura e cultiva a sua relação permanente com a terra natal, marcada pelo culto constante dos vínculos estabelecidos com o seu lugar de origem, numa demonstração da preocupação em reafirmar a sua ligação com o local de nascimento, com o intuito de se fazer “presente”, apesar da distância¹⁹.

A partir da definição dos termos apátrida, migrante, emigrante e refugiado, se possibilita um melhor entendimento para analisar as produções noticiosas. Observar a qual sujeito que a mídia está se referindo no cenário migratório e se os veículos midiáticos alteram o conceito desses termos dentro das matérias é um dos objetivos ao aplicá-los em um contexto diferente de seu real sentido. Essa categorização se mostra importante. Se é papel do jornalista construir a realidade para seu público, tendo o poder de atribuir “sentidos e valores que orientam as ações e percepções dos grupos humanos” (GADINI, 2007, p. 79), sua responsabilidade se torna evidenciar para o público que cada sujeito migrante tem sua particularidade e diferença.

Cunha (2003,p. 71-87) em “Imagens da Imigração em Portugal” identifica em trabalho similar as imagens da imigração em Portugal a partir da análise de dois jornais diários, no verão de 2000, tendo em vista as mudanças que aconteciam no país relativamente às leis de imigração e o fluxo de imigrantes, muitos deles clandestinos, chegados de territórios africanos

¹⁷ O tratamento do apátrida na nova lei de migração: Entre avanços e retrocessos. Jahyr-Philippe bichara. Revista de Direito Internacional, vol. 14, nº 2, 2017, p. 8

¹⁸ idem

¹⁹ O tratamento do apátrida na nova lei de migração: Entre avanços e retrocessos. Jahyr-Philippe bichara. Revista de Direito Internacional, vol. 14, nº 2, 2017, p. 455

e da Europa do Leste. Os dois grupos distintos tiveram naquela amostra um tratamento diferente por aqueles jornais portugueses na pesquisa de Isabel Ferin Cunha, pelo que aqui fazemos uma breve referência, reforçando o aspecto de que a mídia faz representações distintas do fenômeno migratório também por implicações políticas e ideológicas e não apenas pela questão da desinformação em torno das identidades estereotipadas culturalmente.

3.4 A construção da identidade do sujeito

No caso da migração, essa construção da realidade ocorre pelo modo como o público enxerga o imigrante, da imagem que possui dele, representação que foi constituída por elementos como o discurso noticioso e imaginário social. Essa identificação do que seria o imigrante ocorre pela representação ao qual sua imagem é atribuída, que pode se alterar de uma época para outra, pois o campo da identificação se encontra em um contexto de globalização, onde nenhuma definição é fixa. Afinal, aparenta ser um desafio definir a identidade de um indivíduo que não está em seu lugar de origem, mas que carrega consigo elementos da sua cultura original, deixando evidente que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 2008, p.7), ou seja, uma identidade que não é homogênea, mas composta por elementos de diferentes culturas transformadas e agregadas em um mesmo sujeito. Porém, essa identidade que vai se estabelecendo através de diversos elementos não é sentida pela imprensa e nem pela sociedade, sendo um processo que ocorre no interior do indivíduo, podendo ser notada apenas por ações e pensamentos que ele decide colocar em evidência. Outro ponto que dificulta a percepção de uma identidade mista é que quando o indivíduo se encontra em uma nova sociedade, ele passa a adotar alguns costumes semelhantes dos demais e começa a seguir o padrão da maioria. Não que ele irá perder sua identidade real, mas certos traços vão sendo ocultados, tendo nisso a diferença entre a identidade pessoal e social do indivíduo.

Segundo Hall (2006, p.13), a identidade na pós- modernidade “é formada e transformada continuamente em relação às formas pelos quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”, ou seja, ela nunca está fixa, se transforma a partir de como o indivíduo é visto pelo outro. É através dessa mudança de identidade constante, que o autor levanta a questão de que se não é a própria modernidade que está sendo transformada.

Em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (2006), Stuart Hall aborda três tipos de identidade, definidas pelo contexto histórico em que se encontravam. O sujeito do iluminismo é o primeiro a ser apresentado. Nele, a identidade do indivíduo se constitui através do seu eu central, estabelecido pelo nascimento e, com o passar do tempo, se desenvolve, porém “permanecendo essencialmente o mesmo- contínuo ou idêntico- ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 2006, p.11). A segunda identidade apresenta o sujeito sociológico, caracterizado pela sua formação “na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p.11), dado pela junção entre a “essência interior” (HALL, 2006, p.11) do indivíduo e interação com o mundo externo. A terceira identidade expõe o sujeito pós-moderno. Sempre em transformação, esse sujeito “assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2006, p.13), com o objetivo de assumir uma postura semelhante aos demais, adaptando-se melhor ao ambiente que está presente.

Observa-se que no cenário da migração, com os imigrantes sendo representados de maneiras diferentes, sua identificação mais se assemelha ao sujeito pós-moderno. Porém, essa constante transformação da identidade de um indivíduo se dá por um elemento que Hall atribui como sendo o que desloca as identidades culturais nacionais hoje, a globalização. Ou seja, o espaço físico não é o maior desafio para a conexão entre sociedades distantes.

Porém, neste cenário pós-moderno, em que o indivíduo convive com diferentes pessoas em um mesmo espaço, a diferença de civilizações “acentuam a consciência civilizacional que, por sua vez, reforça diferenças e animosidades surgidas há muito tempo” (ALBUQUERQUE et al., 1997, p.228). Ou seja, a ideia de comunidade interconectada pela globalização também abre espaço para maior evidência das diferenças.

Com o sujeito constituído na pós-modernidade, sua identidade não é definida por ele mesmo, mas pelo modo como é representada. Esse processo, denominado “jogo de identidade” (HALL, 2006, p.20), coloca que “diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (HALL, 2006, p.20). Um fator de forte influência neste processo é o contexto que o indivíduo se insere, pois nele há fatores externos responsáveis por moldar a identidade, com o objetivo de estabelecer o sujeito dentro daquela sociedade, levando em conta que “à medida que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social” (HALL, 2006 p.29). Por ser uma formação de diferentes culturas, mas capaz de reconstruir sua identidade, esse indivíduo é denominado como “sujeito moderno” (HALL, 2006, p.26).

As identidades “não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p.48), ocorridas no meio externo

em que estão presentes. Neste meio, um elemento presente é a cultura nacional no qual o sujeito está agregado. Definida como “um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2008, p.50), é “uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2008, p.50). As culturas nacionais são constituídas por “instituições culturais, mas também de símbolos e representações” (HALL, 2008, p.50), que ao mesmo tempo, agrega novos elementos a identidade do sujeito e como será representada.

Por essa representação externa sobre o outro, influenciado pelas concepções e pensamentos já fixados na sociedade, acaba ocorrendo o que se denomina como estereótipo. Para Bhabha (2010, p.105), o termo se refere a “uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”. O estereótipo surge a partir da imagem construída historicamente sobre algum povo ou cultura, e reforçada pelo discurso da mídia, levando a alteração de seu real sentido.

Hall (2006, p.52) coloca que não somente o campo do jornalismo orienta esse pensamento, mas também a forma como uma cultura “é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”, algo que ele chama de “narrativa da nação” (HALL, 2006, p.52), utilizando imagens e descrições de características evidentes sobre algo ou algum assunto.

A influência da narrativa da nação também está presente no discurso da migração. Pensamentos que se tem sobre a figura do imigrante possuem influência de histórias e discursos jornalísticos que ajudaram a estabelecer alguns estereótipos. Unido a isso, está a influência do contexto histórico e social sobre essa representação que contribuem para a construção da imagem do imigrante, passando a ser o sentido real que a sociedade adota para si. Um desses processos que contribuem para a construção da imagem do migrante é o processo de midiaticização, sendo “os processos pelos quais a cultura e a sociedade tornam-se cada vez mais dependentes dos meios de comunicação e sua lógica como mídia integra-se em práticas culturais e sociais em vários níveis” (HJARVARD, 2014, p.26).

Se entende que a imigração é um elemento necessário à concepção do que temos hoje como sociedade globalizada, que a dispersão de povos pelo mundo, a diáspora, possibilitou avanços e novas identidades para o indivíduo e a sociedade. Porém, o autor ainda apresenta que mesmo contando com essa possibilidade de transformação, o imigrante como indivíduo tem suas características de raça e etnia destacadas como elemento que o torna estranho ao outro e utilizados como estereótipos de sua imagem. Isso ocorre pelo modo como a mídia o representa, ao ficar a todo instante reforçando uma figura do imigrante, imagem essa baseada

em representações sociais, pelo contexto em que se insere e na ideologia que o jornalista carrega consigo. Porém, através dessa concepção de significados construídos, a luta ideológica procura modificar esse cenário, consistindo “na tentativa de obter um novo conjunto de significados para um termo ou categoria já existente, de desarticular de seu lugar na estrutura significativa” (HALL, 2008, p.182) deslocando o conceito anterior dado à sociedade.

Assim como o jornalismo tem capacidade para construir sentidos, ele também pode os alterar, através de novas representações da figura do imigrante, evidenciando os fatores que levam os povos que ele aborda em seus discursos a migrarem, os problemas que enfrentam na sua terra natal e ao chegarem no novo ambiente, além de trabalhar produções noticiosas que revelam o lado humano do indivíduo, construindo um discurso com maior presença de empatia para o público em relação ao imigrante. Essa mudança de sentido também pode ser feita ao se observar a construção dada pelas produções noticiosas e entender quais representações são colocadas sobre a figura do imigrante.

4 ANÁLISE DO DISCURSO MIDIÁTICO BRASILEIRO

Esta pesquisa foi realizada sobre uma amostra de matérias da imprensa com o objetivo de identificar marcas discursivas que caracterizassem de modo significativo o tipo de narrativa midiática em relação aos fatos jornalísticos recentes envolvendo refugiados venezuelanos no Brasil. O método de pesquisa utilizado foi o método da Análise do Discurso com a técnica de investigação e o aporte teórico da tradição francesa, iniciada por Michel Pêcheux, nos anos 60 e depois trazida ao Brasil por pesquisadores linguistas.

A análise a que procedemos nas matérias foi realizada, primeiro, dividindo-se a amostra que encontramos por tempo, reunidas por trimestre, num recorte temporal compreendido a partir de fevereiro de 2018 e que se estendeu até agosto de 2019, somando, assim, um total de 19 meses de alcance da amostragem. Optou-se por se analisar as matérias que apareceram proximoamente entre si a cada trimestre, considerando que, assim, se pudesse encontrar nelas algum maior significado no esforço comparativo que pretendíamos. No total, foram estudadas 60 (sessenta) matérias, todas selecionadas do corpus inicial e, em seguida, elas foram então divididas em cinco grupos de três meses e um grupo de quatro meses. No final do agrupamento da primeira análise que serviu à observação da amostra por trimestre, foi realizada uma nova análise do material, envolvendo, então, de forma holística todas as matérias.

As mídias que compreendem o corpo de análise se constituem de três telejornais brasileiros, Jornal Nacional (JN), SBT Brasil e o extinto SBT Notícias, e dois portais de notícias online, o G1 e R7. A escolha dos telejornais se justifica pelo fato do Brasil ser um país “de cultura ainda predominantemente oral, é a televisão que massifica a agenda, por meio dos recursos da sincronia, da unificação da linguagem e da emoção”(Bernardo Kucinski, 2002, p. 45).

O G1 e R7 entram no corpo da amostra por serem sites jornalísticos com conteúdo de livre acesso, possuindo uma constante postagem de matérias e fornecendo conteúdo diário que pode ser acessado por qualquer dispositivo eletrônico, com conexão à internet.

A presença de duas mídias diferentes no corpo de análise deste trabalho, o JN e o G1, mas pertencentes ao mesmo sistema de comunicação brasileira, Grupo Globo, se dá pois o “segundo papel do sistema Globo é o de popularizar a agenda nacional, graça a seu domínio de audiência” (Bernardo Kucinski, 1990, p. 45), ou seja, é o sistema de comunicação mais conhecido e com forte credibilidade no país.

Duas categorias foram elaboradas para a separação da análise, não de seu conteúdo, mas em relação à forma com as marcas discursivas que se fizeram sentir pelo olhar do analista, destacando-se a preocupação com aspectos como a perspectiva do enquadramento das narrativas e também com o seu contexto, uma vez que os discursos são lidos por sentidos que atravessam estruturas textuais, mas, com relação aos mundos nos quais suas condições de produção se dão. O primeiro grupo de análise compreendeu, portanto, o período dos meses de fevereiro, março e abril de 2018, levando-se este aspecto do enquadramento e do contexto como marca discursiva.

A decisão de também analisar as imagens projetadas pela mídia se dá, pois, “a análise de discursos defende a ideia de que qualquer imagem, mesmo isolada de qualquer outro sistema semiótico, deve sempre ser considerado como sendo um discurso” (PINTO, 2002, p. 37).

Neste primeiro grupo, identificamos discursos como o que foi encontrado na matéria exibida pelo JN da Rede Globo no dia 19 de fevereiro de 2018, quando então, antes mesmo da exibição da reportagem, enquanto o âncora do JN introduz o tema, uma imagem da bandeira da Venezuela é utilizada como BG (background), uma imagem de fundo na tela em que ele aparece, enquanto afirma que a Venezuela passa por uma crise econômica, social e política, gerando uma onda migratória. “A crise econômica, social e política da Venezuela gravíssima, produziu uma onda migratória no Norte do Brasil. Todos os dias, chegam 800 venezuelanos ao estado de Roraima. Em Boa Vista, eles ainda dependem da ajuda de voluntários para ter o que comer”²⁰(William Bonner, 19/02/2018, JN).

Figura 2: Âncora William Bonner com uma BG ao fundo



Fonte: G1²¹

A presença ao mesmo tempo da imagem utilizada no BG e a fala (o enunciado) do âncora cria uma associação entre os dois discursos, o verbal e o visual. Esse tipo de

²⁰ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/02/por-dia-800-venezuelanos-entram-no-brasil-pela-cidade-de-pacaraima-rr.htm> > Data de acesso: 13 de set. de 2019

²¹ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/02/por-dia-800-venezuelanos-entram-no-brasil-pela-cidade-de-pacaraima-rr.htm> > Data de acesso: 05 de agosto de 2019

associação tem forte apelo discursivo, uma vez que a imagem reforça o sentido do que se pretende expresso no enunciado verbal, concorrendo para uma construção de sentidos mais fácil para o receptor do discurso em uma situação enunciativa. A bandeira que aparece em tela remete, enquanto símbolo nacional a todo país, à significação de nacionalismo que cerca a questão problema da Venezuela com a crise de refugiados. Os enunciados verbais que acompanham a visualização do símbolo surgem carregados de sentidos negativos sobre o problema da migração em massa venezuelana.

A utilização de termos como “crise econômica” e “gravíssima”, uma derivação da palavra “grave”, logo no início da fala de Bonner, acaba por caracterizar a situação da Venezuela, fazendo com que o público atribua esses termos ao contexto do país vizinho. Além disso, o modo como a chamada da matéria é sintetizado, “essa sintetização tende a mostrar com mais nitidez a direção interpretativa assumida pelo veículo” (GOMES, 2004, p. 36), ou seja, qual o posicionamento que a mídia tem sobre o assunto.

Assim, o sentido imediato associativo a ser construído será, dali para frente, sempre negativo na narrativa de outras matérias próximas a esta, sempre que a mesma imagem for novamente o contexto de reportagens sobre o tema, por uma simples ideia associativa que é própria do modo de construção de sentidos mais natural a toda a capacidade cognitiva humana. Com efeito, é por associação que fazemos desde bebê nossas primeiras construções de compreensão acerca do mundo, das coisas e de tudo que nos cerca. Assim, imagens e palavras se associam num aparente conjunto de mundo em torno do comportamento retirante do povo da Venezuela e quando associados, apontam facilmente ao seu pertencimento nacional à questão do movimento de massa gerado pela crise no país.

O povo da Venezuela com seu comportamento retirante, estigma a ideia de uma nação, como se, em nível dos sentidos, a Venezuela estivesse sendo esvaziada por este movimento e se perdendo enquanto nação, sendo o país retratado na matéria como um país com problemas e a partir daí cercado de questões negativas.

Durante os meses de fevereiro e março, as matérias mencionam os venezuelanos que entraram no Brasil associando-os com imagens daquela população de refugiados caminhando, movimentando-se pelas estradas, em grupo, ou sentados pelas ruas em situação precária, residindo provisoriamente em praça pública enquanto vivem no Brasil. Essas imagens estão presentes nas matérias veiculadas pelo Jornal Nacional dos dias 15/02/2018, 16/02/2018, 17/02/2018 e 19/02/2018, pelo SBT Brasil dos dias 22/02/2018 e 20/03/2018 e pelo portal de notícias online R7, do dia 14/04/2018.

Figura 3: Venezuelana em abrigo improvisado (R7 - 14/04/2018)



Fonte: R7²²

Figura 4: Venezuelanos em praça (SBT Brasil - 20/03/2018)



Fonte: Youtube²³

Nestas matérias, mochilas e bolsas, mostradas como pertences dos refugiados são elementos que aparecem, então, juntos com a figura dos venezuelanos, representados como retirantes, com seus pertences espalhados pelo chão ou sendo carregados por eles enquanto caminham. Essa construção foi encontrada em diversas ocorrências discursivas, concorrendo para a construção de sentidos de não pertencimento dos venezuelanos, de não vínculo com a terra, qual fossem nômades sem destino e sem razão para suas migrações em massa. As imagens, neste momento, não se encontram contextualizadas com as causas da crise na Venezuela, fazendo com que se construam sentidos de uma crítica consequente ao movimento de massa, por pelo menos duas variáveis lógicas: este não é seu país e estas são pessoas sem saber para onde vão, o que gera no receptor da informação uma propensão ao julgamento moral das condutas migratórias em si, fora de contextos econômicos sociais e culturais ou históricos.

²² Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/falta-de-oportunidades-marca-realidade-de-venezuelanos-no-brasil-14042018>> Data de acesso: 06 de agosto de 2019

²³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aYFLt3p3Nvk&t=1s>> Data de acesso: 07 de agosto de 2019

Durante a análise desse primeiro trimestre, as matérias do mês de abril se apresentaram com o discurso de atuação do governo sobre os movimentos migratórios. A matéria do R7, publicada no dia 13/04/2018, é ilustrada com uma foto do ex-presidente Michel Temer discursando, enquanto o texto informa sobre a decisão de Temer de não fechar a fronteira do Brasil com a Venezuela. Em seguida, a matéria do dia 14/04/2018 coloca os imigrantes venezuelanos como afetados por problemas do seu país de origem e do Brasil, pela falta de estrutura para atendê-los, mas no decorrer do texto, são colocadas medidas que seriam adotadas para atender aos venezuelanos. Na matéria do dia 28/04/2018, o R7 apresenta uma narrativa composta por imigrantes venezuelanos que reconstruíram a vida no Brasil, contando com fotos dos venezuelanos com suas famílias e relatos pessoais. Com esse recorte apresentado no mês de abril, se associa a ideia de que as atitudes tomadas pelo governo sobre o processo migratório venezuelano contribuíram para a reconstrução de vida desses imigrantes.

Queremos com isso questionar a imprensa quando ela constrói apenas sentidos recortados da realidade em matérias de curta extensão de tempo e de contexto, pelo que o discurso ali empregado nos parece de fato concorrer para a construção antes de estigmas em torno dos venezuelanos que para descrever o drama daquelas populações. Bem sabemos que por questões que Traquina (2002) chama de tirania do tempo nas condições de produção das notícias, é mesmo muito difícil ao jornalismo, sobretudo, o jornalismo de TV, que trabalha tão de perto com a questão do tempo, recortar a realidade em sentido mais holístico que apenas como vem fazendo com frequência no tratamento da informação. Ainda assim, é dever do jornalista evitar que certas formações discursivas se materializem como que a dar sentido de mundo preconceituoso, desvirtuado, ou ideologicamente contaminado.

Pêcheux (1960) bem definiu que todo discurso é ideológico e que os sujeitos não se depreendem disso quando em situações enunciativas. Mas o que queremos defender, ao estabelecer minimamente esta crítica inicial é de que o jornalismo não pode ser inconsequente na medida de não oferecer caminhos diversos de entendimento e produção do conhecimento, ou deixar de construir opções ao receptor das notícias quanto aos sentidos que se mostrem possíveis na compreensão das realidades. Por esse motivo que

A ética deve ser o princípio balizador tanto para as emissoras e empresas jornalísticas quanto para os agentes responsáveis por todo o processo midiático. Os meios de comunicação, em nome do vale-tudo e para marcar pontos de audiência, aumentar as tiragens de periódicos e conquistar consumidores, deixam de lado valores e sua responsabilidade social (KUNSCH, 2002, p. 30).

Outras matérias, além do JN, mostram a mesma questão, em que os discursos visuais se associam aos enunciados durante as matérias. Realizando assim, uma associação entre os dois discursos que o público toma como a representação do real. Ao mesmo tempo em que ele enxerga imagens representando os venezuelanos, há um enunciado verbal explicando o contexto a ele do porquê aquilo está acontecendo, como ocorre no SBT Notícia do dia 22/02/2018, que informa que Roraima vai receber auxílio para acolher venezuelanos. Na reportagem, ao mesmo tempo em que são passadas imagens dos venezuelanos em fila em grande grupo, é dito o seguinte off: “Só na capital Boa Vista, há 40 mil homens e mulheres que fugiram do país vizinho para escapar das crises política, econômica e social”. A narração realizada pelo repórter, unida às imagens, se coloca como justificativa para a situação que está sendo ilustrada.

Figura 5: Grupo de venezuelanos (SBT Notícias - 22/02/2018)



Fonte: Youtube²⁴

A matéria do SBT Brasil do dia 20/03/2018, trata sobre a preparação da cidade de São Paulo para receber refugiados venezuelanos. Nela, há uma imagem de Juan Manuel Santos, ex-presidente da Colômbia, discursando, enquanto a repórter diz em seu off: “Juan Manuel Santos fez um apelo para que o governo venezuelano aceite a ajuda humanitária”. Após essa informação, imagens de venezuelanos em praça são exibidas, fornecendo um retrato ao público de que mesmo com problemas em torno da questão migratória, o governo da Venezuela se recusa a aceitar a ajuda humanitária.

Figura 6: Venezuelanos em praça (SBT Brasil - 20/03/2018)



²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ut_DOCVjDQ> Data de acesso: 06 de agosto de 2019

Os exemplos acima são cenários de enquadramento das matérias, mostrando a situação retirante de um povo que abandona (ou deixa) sua nação. Os enquadramentos, ou chamados quadrículos a que se refere Mayra Gomes (2006, p. 15), que “implicam a fixação dos modos de ver o mundo e das relações de poder instituídas”, nos fornecem uma visão de determinada realidade que está sendo construída. Neste caso, a mídia já apresenta qual a realidade sobre a situação dos venezuelanos.

O enquadramento do imigrante remete à figura do indigente, aquele que não tem um local fixo para morar, que não tem um pertencimento e que carrega objetos que utiliza para sua sobrevivência no dia a dia. Essa representação acrescenta elementos para a identificação do sujeito migrante em conotação negativa. Encontramos também outras formas de quadriculação da realidade sobre a migração em massa nas matérias analisadas. O uso de dados presentes em certas matérias informando o número de imigrantes venezuelanos que entraram no Brasil, imagens de casas de acolhida e abrigos improvisados em beira de estrada e da aduana entre os dois países com muitas pessoas são um dos enquadramentos utilizados pela mídia para representar a realidade do movimento migratório venezuelano, além de outros enquadramentos.

Durante o primeiro trimestre de análise, imagens de figuras políticas, por exemplo, discursando ou em reunião também estão presentes. As imagens aparecem nas matérias do SBT Brasil (22/02/2018 e 20/03/2018), JN (19/02/2018) e R7 (13/04/2018).

Bem sabemos que o sujeito político é aquele cujo sentido social e cultural encontra-se conformado em torno daquela cuja função ou atribuição maior é de fato a de tomar decisões, de elaborar projetos e leis etc. Quando estes são vistos nas matérias sobre o aumento da entrada de venezuelanos no Brasil no início do ano de 2018 e o controle da entrada no Brasil, veiculada pelo JN (15/02/2018) e o acolhimento de venezuelanos em Roraima, veiculada pelo SBT Brasil (22/02/2018).

Figura 7: Secretário de Saúde de Roraima (JN - 15/02/2018)



Fonte: G1²⁵

Figura 8: Comitê Federal de Assistência Emergencial (SBT Brasil - 22/02/2018)



Fonte: Youtube

A imagem da figura do homem político se vincula ao significado de busca da sociedade de alguma solução para um problema, emprestando sentido aparente de preocupação e seriedade no trato com o drama dos migrantes venezuelanos.

Desta forma, a construção de sentidos que se pode aferir como naturalmente sentida é a de que as matérias estejam colocando que a crise migratória na Venezuela não é mais um problema da própria Venezuela, mas também do Brasil e que nossas autoridades legislativas estejam empenhadas na busca por soluções.

Figura 9: Ex-presidente Michel Temer (R7 - 13/04/2018)



Fonte: R7²⁶

Nesse aspecto, é significativo dizer que não parecem relevantes ao discurso, sentido nestas matérias que se diga que soluções efetivas se conseguiu ou se irá encontrar para contornar ou resolver o problema, mas tão somente figurar o empenho de nossas autoridades, como se a mídia tivesse de fato prestando um serviço mais à imagem do homem público que ao interesse público, humano e social daquela população. Com efeito, no plano dos estudos do

²⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/02/forca-nacional-chega-roraima-para-controle-da-chegada-de-venezuelanos.html>> Data de acesso: 07 de agosto de 2019

²⁶ Disponível em: < <https://noticias.r7.com/brasil/temer-fechar-fronteira-com-a-venezuela-e-incogitavel-13042018>> Data de acesso: 09 de agosto de 2019

Discurso e coerentemente com as teorias de discurso de matriz francesa, como vimos nas aulas de AD e Semiótica discursiva e trabalhamos em nosso Grupo de Pesquisa, como a argumentação na Análise do Discurso, formação discursiva, os conceitos envolvidos na área da Semiótica, como língua, linguagem, semântica e signo, através de leituras e discussões, pode-se chegar a interpretações sobre o significado gerado pelas notícias apresentadas.

Com isso, o conteúdo dos discursos parece importar menos que a forma nestas situações caracterizadas por sua marca de enquadramento, pelo que discurso se aproxima de uma questão de Retórica. É justamente nesse sentido que as teorias muitas vezes discorrem sobre o que se conhece como retórica discursiva, isto é, a forma como os discursos se organiza no modo de seus enunciados, sem que o conteúdo proposicional de suas enunciações tenha relevância maior.

Conforme Traquina (2005, p. 150) é através da ação de um gatekeeper, que todo jornalista seleciona o que irá utilizar no processo de construção das notícias, conformando, assim, a representação com que as matérias figuram em torno dos elementos da narrativa do acontecimento jornalístico.

Por isso, parece-nos de fato mais significativo o como estas narrativas aparecem que propriamente apenas o que seus sujeitos discursivos enunciam efetivamente. O jornalismo, como sabemos, recorta a realidade por um processo que é rotinizado de produção das notícias e tratamento da informação. Em outras palavras, o jornalista “enquadra” os acontecimentos, os fatos, fazendo com que a matéria que produz sirva de fato de janela para o mundo, justamente porque as pessoas não podem estar em diferentes lugares e porque assim o jornalismo assume uma função testemunhal e consegue ser na pragmática de sua atividade o narrador tradutor do real, com todas as limitações que isso envolve.

Com a atribuição de importância à figura do político e policial, se representa um momento em que a situação da entrada de venezuelanos no país se mostra como algo incerto em relação às consequências do processo migratório. Neste contexto, apenas medidas de controle de entrada de venezuelanos aparecem, e não políticas adotadas para resolver problemas já existentes no território brasileiro, causados pelo processo migratório.

Com isso, a mídia parece reconhecer ou admitir discursivamente que a questão da Venezuela com sua crise e conseqüente migração em massa é uma questão multicultural e de responsabilidade de solução também de outros países. Essa é a mesma relação que faz Hall (2008, p. 50) ao tratar do multiculturalismo quando percebe que as realidades todas estão implicadas umas nas outras, sendo papel de órgãos governamentais realizar estratégias e

políticas a fim de resolver problemas causados pela diversidade em uma sociedade multicultural.

Outro elemento que destacamos como concorrente para a representação dos venezuelanos pela mídia é a forma como são identificados nas matérias e em que momentos suas falas aparecem. Das matérias analisadas no conjunto do primeiro trimestre, se percebe que nos meses de fevereiro e março de 2018, quando os venezuelanos são mostrados dando algum depoimento, eles são apenas identificados pelos seus primeiros nomes. Já entrevistados brasileiros e autoridades eram identificados pelo nome completo e seu cargo. Esse tratamento em relação à identidade dos sujeitos nas matérias é dado pela ação do jornalista como ator político, que pode “criar importância e certificar a autoridade tanto quanto refleti-la, ao decidir quem deve falar sobre o que e em que circunstância” (COOK, 2011, p.206), atribuindo importância para um sujeito e não para outro.

Neste caso, as primeiras matérias consideram as figuras brasileiras e de autoridade com maior nível de importância, atribuindo aos venezuelanos um papel secundário nas matérias, postos como pano de fundo na narrativa, fazendo a leitura de que por serem migrantes ou retirantes, refugiados, não precisam ter sua identidade plena.

Ao mesmo tempo em que isso ocorre na prática do jornalismo, nos meses de fevereiro e março, os venezuelanos são representados como estando sempre em grupo, com imagens que não buscam focar no indivíduo, na individualidade de cada sujeito, mas como grupo em si, o que os torna um ente totalizante, uma coisa só, sem singularidades nem diferenças, representação que não deve ser presente em narrativas migratórias, pois, “em termos teóricos, a questão migratória deve necessariamente ser apreendida em seu nível coletivo. As abordagens individualistas, micros situadas e focadas em narrativas pessoais têm certamente a sua contribuição no esforço geral de compreensão do fenômeno” (EIHAJJI, 2017, p. 216-217).

Nas matérias do SBT Brasil (22/02/2018 e 20/03/2018), e do JN (15/02/2018, 16/02/2018, 17/02/2018, 19/02/2018), as imagens de grupos criam um discurso particular, em que “aplica-se a regra da construção de um entendimento de mundo e das ações correlatas” (GOMES, 2019, p. 277), onde a mídia, por representar os venezuelanos em grupo, fornece elementos de construção para o imaginário popular de que os venezuelanos são um grupo social, e não indivíduos.

Ver um grupo sem individualidade, repetidas vezes, acaba por estereotipá-lo, em que baseado na rigidez e na reiteração, parecem formas de realidade. Neste sentido, essa representação acaba sendo a referência pela qual o público irá associar a imagem do imigrante

venezuelano. Com isso, “podemos constatar que el hecho de migrar siendo una iniciativa individual, se convierte, a pesar del migrante, en la representación de un fenómeno colectivo de orden social, político, cultural, económico e identitário” (BOTERO, 2017, p. 132).

No mês de abril, essa representação se altera. De um grupo social, o venezuelano tem sua imagem associada a um sujeito único, em que nas matérias se mostram histórias de vida e experiências pelas quais cada um passou. As matérias do R7 dos dias 14/04/2018 e 28/04/2018, tratam da falta de oportunidades para os venezuelanos no Brasil e sobre a reconstrução de vida. Temas que colocam o venezuelano como personagem da narrativa. Ele não está posto nas matérias apenas como pano de fundo, como se mostra nos meses de fevereiro e março, onde não há a identificação dos venezuelanos em entrevistas e sonoras e narrativas que foquem na individualidade dos personagens. Durante o mês de abril, o venezuelano é o foco do assunto, sendo a principal testemunha para falar dos temas que o atingem diretamente como desemprego e desafios sobre a adaptação de vida no Brasil.

Figura 10: Pai e filho venezuelanos (R7 - 14/04/2018)



Fonte: R7

Neste cenário, até mesmo o discurso visual utilizado pelo R7 se apresenta diferente dos meses de fevereiro e março, inserindo imagens que mostram os entrevistados venezuelanos sorrindo e com suas famílias, atribuindo um aspecto mais humano a suas figuras. Porém, nas matérias apresentadas pelo JN no mês de fevereiro, o venezuelano aparece contando sua trajetória e as dificuldades, mas as matérias ainda não atribuem uma relevância a ele, já que não aparece sua identificação, sendo o repórter que diz o que o venezuelano fala, e sua voz só aparece em poucos segundos, como na matéria do dia 17/02/2019 sobre a busca de

refúgio de venezuelanos no Brasil. Enquanto o repórter entrevista a venezuelana identificada como Carmen, ele diz em off: “Carmen migrou pra cá a três anos. Porque está aqui, pergunto. Porque preciso de trabalho no Brasil para ajudar minha família, que não há comida na Venezuela, não há nada”. Ao final do off do repórter, a voz da venezuelana aparece dizendo somente: “Na Venezuela não há nada”.

Figura 11: Repórter entrevista venezuelana (JN - 17/02/2018)



Fonte: GloboPlay²⁷

A troca da visibilidade de figuras políticas para a dos próprios venezuelanos, certifica a autoridade que o jornalista atribui aos personagens apresentados. Esse é o papel do jornalista como ator político (COOK, 2011, p. 203), se fazendo presente a partir de uma identificação que julgamos mais apropriada de fontes. Se antes, a importância era dada à figura de homens atuantes da área da política, no mês de abril, ela é atribuída à figura do venezuelano.

Essa mudança de atribuição de importância acontece quando o venezuelano começa a se inteirar no cenário brasileiro. Nas matérias do mês de abril, tendo no recorte as matérias publicadas pelo R7, as duas matérias presentes possuem em sua narrativa o venezuelano como personagem. No dia 14/04/2018, em uma matéria sobre a falta de oportunidades para venezuelanos no Brasil, o início dela apresenta informações sobre decisões do governo em relação ao processo migratório, seguido por trecho de um especialista explicando os motivos da migração. Ao final da matéria, há relatos de venezuelanos também explicando a razão para terem migrado. Mesmo sendo utilizados como testemunhas de comprovação das informações apresentadas, os venezuelanos são identificados por nome, por uma foto deles e tendo seu relato em destaque no texto.

²⁷ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6511798/>> Data de acesso: 07 de agosto de 2019

R7 INTERNACIONAL | Falta de oportunidades marca realidade de venezuelanos no Brasil

Refugiado em Manaus

Venezuelano da cidade de Puerto Ordaz, Eduardo Arcas se mudou para o Brasil há dois anos, depois que sua mulher recebeu uma oferta de emprego por aqui: "Inicialmente, a intenção era ir para o Equador, já havíamos conhecido Quito e gostado muito da cidade. Para mim, o mais difícil depois de chegar no Brasil foi encontrar um trabalho estável para alçar voo e estabelecer uma vida", relata. Arcas vive hoje em Manaus, onde trabalha como garçom seis dias por semana, das 16h à meia-noite. Junto com a mulher, que atua como esteticista, tem ganhos mensais de até R\$ 1200,00 — bem mais do que recebia quando saiu da Venezuela, onde ganhava o equivalente a R\$ 106,00 por mês.



Eu era gerente de perfumaria. Quando saí, dois anos atrás, a situação era melhor do que a atual. Você ainda conseguia comprar comida com um pouco de dinheiro

Eduardo Arcas, venezuelano em Manaus

Eduardo, que vive no Brasil com status de refugiado, considera acertada a decisão do presidente Michel Temer de ampliar o efetivo militar em Pacaraima, cidade em Roraima por onde passam cerca de 800 imigrantes venezuelanos por dia.

Fonte: R7


Em matéria publicada pelo R7 no dia 28/04/2018 sobre a reconstrução de vida de venezuelanos em São Paulo, sua narrativa foca em apresentar histórias pessoais de venezuelanos, em que apresentam sua vida atual no Brasil e os problemas que enfrentaram. A matéria os identifica por nome, idade e fotos suas, sendo boa parte do texto composto apenas de falas dos próprios venezuelanos.

Figura 13: Relato de imigrante venezuelano (R7 - 28/04/2018)

R7 INTERNACIONAL | Venezuelanos reconstróem a vida em SP após fugir do colapso

'Meu país não era assim'

Nascido em Maturín, capital do estado de Monagas, no norte da Venezuela, região rica em petróleo, Robert Díaz nunca conseguiu fazer uma faculdade. Para ajudar a família, começou a trabalhar cedo e, durante muito tempo, trabalhou em um abrigo que atendia adolescentes com problemas familiares. Não era uma vida fácil, mas ele gostava.



"Eu os ajudava a estudar, praticava esportes com eles. Tinha muito carinho. Depois, o abrigo que era do Estado, passou a ser administrado pelo município. Me mandaram trabalhar com crianças autistas. Aquilo era muito difícil, não estava preparado e saí. Mudamos para uma cidade pequena e foi lá que sentimos a crise bater forte", conta.

Carlipito, que fica a cerca de 50 quilômetros ao norte de Maturín, começou a ter sérios problemas de desabastecimento em 2016. Segundo Díaz,

Edu Garcia / R7 / 24.4.2018

Fonte: R7²⁸

Nessas matérias, os venezuelanos são mostrados em busca de emprego, vivendo em abrigos na tentativa de reconstrução de vida, não se identificando com a imagem do brasileiro, mas tentando buscar essa proximidade com a vida comum baseada em emprego e moradia

²⁸ Disponível em: < <https://noticias.r7.com/internacional/venezuelanos-reconstroem-a-vida-em-sp-apos-fugir-do-colapso-28042018>> Data de acesso: 07 de agosto de 2019

Durante a análise dessas matérias, percebemos que a identificação dos personagens atribui a eles um aspecto mais humano, em que o venezuelano não é visto como somente um indivíduo que está lá, mas uma pessoa com atributos sociais, já que é natural que

os homens em meio aos quais vivemos nos dão uma certa função social e nos forçam a preenchê-la. Eles nos atribuem um caráter particular e frequentemente nos educam para que conservemos esse caráter. Enfim e sobretudo, eles nos dão um nome único, nos coagem a conservá-lo, a nos distinguir de outros homens que têm outros nomes (JANET apud GOÉS, 2000, p.120)

Em relação aos termos que a mídia utiliza para realizar a representação simbólica dos venezuelanos, termos como [imigrantes] e [venezuelanos] estão presentes no primeiro trimestre analisado. A matéria do R7 (13/04/2018) apresenta a denominação no seguinte enunciado: “Com a crise política e econômica na Venezuela, desde 2015 o estado de Roraima tem recebido milhares de imigrantes em busca de refúgio e meios de sobrevivência. Estima-se que cerca de 40 mil venezuelanos tenham se instalado em Pacaraima”. O SBT Notícias (22/02/2018) e o SBT Brasil (20/03/2018), respectivamente utilizam os termos nos seguintes enunciados: “A preocupação, segundo o governo, não é apenas dos venezuelanos que vieram para ficar”. “Era um protesto, mas se transformou em mais um exemplo de intolerância e violência contra os imigrantes”. No JN (15/02/2018), os termos aparecem em momentos diferentes da reportagem. O enunciado “Uma campanha às pressas está sendo feita nas praças e nos abrigos para vacinar os imigrantes” aparece para contextualizar a situação dos venezuelanos no Brasil. Percebemos aqui que os termos [venezuelano] e [imigrante] aparecem associados a problemas, como casos de sarampo e envolvidos em protestos, o que resulta em um sentido de que o venezuelano é o sujeito motivador dos problemas mostrados nesse contexto, sendo que o sentido “ não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2010, p. 42).

Já o enunciado “O governo de Roraima cobra a criação de uma barreira sanitária pra garantir que ao chegarem no Brasil, os venezuelanos fiquem em dia com as vacinas” representa as medidas de precaução do problema de saúde trazido pelos venezuelanos, como colocado pelo JN: “A Venezuela sofre com o surto de doenças como o sarampo...Desde 2015 não havia registro da doença no Brasil”. A partir desses enunciados, há uma associação de que o governo brasileiro tem de resolver os problemas que são de responsabilidade da Venezuela. Com isso, a mídia faz com que a população brasileira veja a migração venezuelana como algo negativo, que apenas traz consequências. Sendo esse contexto uma construção da realidade

feita pelo jornalista, ao abordar o problema do sarampo em um mesmo momento da migração venezuelana, essas “construções de realidade elaboradas no jornalismo podem contribuir para a criação de estereótipos, além de fomentar no público um pânico de ordem moral em torno de determinados assuntos dispostos na agenda jornalística” (ASSIS; FRAZÃO, 2017, p. 119), fazendo com que a produção de sentido aqui seja de que imigrantes são pessoas que trazem problemas, no caso de saúde, a população local.

No conjunto da amostra deste trimestre, o que se destaca ao ver do analista é o emprego da palavra [imigrante]. Segundo Hall (2008, p. 178), o termo é utilizado para denominar o sujeito que pertence a outro lugar. E pelo não pertencimento a determinado lugar, é atribuído a esse indivíduo características que os outros o reconheçam como um estranho, alguém diferente.

O problema ocorre quando essas características são baseadas por elementos de raça e etnia, já que “a redução e a seleção de elementos são características marcantes na estereotipia” (FILHA, MORONI, 2008, p. 7). A presença do termo [imigrante] em reportagens que apresentam imagens de venezuelanos residindo em praças, em situação precária, como em matéria do SBT Brasil (20/03/2018) e JN (15/02/2018 e 17/02/2018) e em matérias textuais, R7 (13/04/2018 e 14/04/2018), onde a figura do imigrante está presente junto com o enunciado de problemas a serem solucionados pelo governo, ajuda a fixar no imaginário social, elementos estereotipados associados à imagem do venezuelano.

Os enunciados e as imagens de forma associativa criam um sentido de que o imigrante é uma pessoa que não possui um lugar fixo, ou próprio. Tal distinção que os enunciados verbais e visuais reforçam a ideia de forasteiros, visto como diferentes, sendo que “são a diferença, a alteridade e a externalidade do forasteiro que servem de indicadores e parâmetros para situá-lo no campo de compreensão da sociedade e lhe dar sentido aos olhos dos grupos majoritários e/ou hegemônicos que o cercam” (ELHAJJI, 2017, p. 204). Nesse sentido, aqui os imigrantes são vistos como indesejados.

O termo [venezuelano] nas matérias, informa a nacionalidade dos imigrantes em questão e fixa essa informação no imaginário social. Por associarmos elementos que nos são apresentados, cada vez que a mídia abordar a temática migratória, remetemos à imagem do venezuelano, sempre em situação de necessidade. O mesmo ocorre com nossa visão, construída por associações e estereótipos, sobre o movimento migratório originados no Oriente Médio e em países da África em 2015 e 2016. Antes desses movimentos, a população brasileira não tinha muita referência midiática sobre esses locais, apenas o imaginário

construído por notícias sobre ataques terroristas, conflitos armados entre grupos rivais e governos autoritários.

Sendo que “o passado emerge a partir de nossas experiências do presente” (CAMPOS, 2017, p. 275), olhar um acontecimento que não é muito comum ou conhecido, é normal que se busque uma referência para entender o que está acontecendo.

Neste contexto, a representação que a mídia trabalha sobre a imagem do imigrante venezuelano se assemelha à definição proposta por Charaudeau (apud CALDAS, 2018, p. 44) por ser “percebida não como um conceito, mas como um mecanismo de construção de sentido que molda e formata a realidade em significante interconectando conhecimentos fragmentados da ‘realidade social’”. Ou seja, a mídia acaba por apresentar um elemento discursivo que remete e faz referência a determinado fato ou contexto e, unido a um conhecimento prévio sobre certo assunto, constrói a realidade que o público toma como base.

A partir do momento em que a mídia utiliza esses termos para denominar os sujeitos venezuelanos, o que acontece é que “arrancamos uma parte do humano e a instituímos num outro tipo de existência, que se presta a hierarquizações, a inserções ou exclusões no plano social” (GOMES, 2004, p. 11). Ou seja, o indivíduo deixa de ser aquilo que ele é para se tornar algo aceitável e reconhecido pela sociedade na qual está inserido.

Ainda no mês de abril, a mídia coloca como justificativa a situação econômica e política da Venezuela como fator do processo migratório para o Brasil. Porém, as críticas ao governo de Nicolás Maduro se dão através dos próprios venezuelanos em suas entrevistas. Um dos exemplos se mostra na matéria do R7 do dia 14/04/2018, com o depoimento da venezuelana Eucaris Avila dizendo que “se esse governo não sair de lá, não há chances de acontecer nada de bom. Todos os políticos não têm noção do que vive a população e não veem necessidade de mudar. E o presidente é uma pessoa incapaz, que não tem sentimentos”.


Neste exemplo, a escolha que o jornalista fez do recorte da fala da venezuelana Eucaris para servir como subtítulo, já apresenta qual a opinião da entrevistada sobre Maduro, com apenas um adjetivo negativo para se referir ao presidente do país. Essa escolha pode ser interpretada como um indício da ideologia do jornalista, pois “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpretado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2010, p. 17), onde o discurso apresentado evidencia a opinião do jornalista, nesse caso, sobre o governo de Maduro.

R7 INTERNACIONAL | Falta de oportunidades marca realidade de venezuelanos no Brasil

f t p

'Presidente incapaz'

Há três meses, a professora Eucaris Avila, de 41 anos, saiu da cidade de Nirgua, na Venezuela, para viver em Itapema, no estado brasileiro de Santa Catarina. Ela veio com os filhos, uma adolescente de 19 anos e um menino de quatro.



Foi muito difícil tomar a decisão de sair do meu país, nunca pensei na vida ter que fazer isso, mas no último ano a situação de crise me abalou muito e eu senti que precisava fazer algo por mim e pelos meus filhos.

Eucaris Avila, venezuelana

Fonte: R7

Pela escolha de utilizar falas de venezuelanos para compor a matéria, o G1 atribui aos venezuelanos

um ser de papel responsável enquanto função de estruturação discursiva do gênero, por um projeto de fala. Podemos ter marcas de um narrador através de sua enunciação mesmo ou através de posicionamentos, ou da ausência destes. Cada testemunha que dá seu depoimento consiste em um Eu [comunicante e enunciador] que está numa relação de encaixe em relação à voz do narrador e assume a posição de personagem que colocamos no nosso quadro. (MACHADO & MENDES apud PESSOA, 2018, p. 42)

Ou seja, ele atribui importância à opinião, ao discurso do sujeito venezuelano. Por esse motivo se torna necessário observar o contexto em que os discursos se dão. Se observarmos o depoimento dos venezuelanos como algo à parte, “a fala por si só não é nada, não existe. A fala por si só é acontecimento aleatório. E, para monitorar o aleatório da fala, é necessário impor-lhe princípios de controle vindos de fora e de dentro do discurso” (SOUZA, 2014, p. 25). Ao observar o contexto de manifestações e disputas políticas na Venezuela, fica claro o motivo da presença desses discursos críticos.

O crescente aumento de venezuelanos no território brasileiro ocorreu próximo ao período eleitoral para presidente na Venezuela, em maio de 2018. Período em que a perseguição política se fortaleceu e se tornou um dos motivos para as migrações. Com um grande número de venezuelanos buscando refúgio, a Justiça Federal de Roraima decidiu suspender a entrada somente de venezuelanos no país por um tempo. A medida, adotada no dia 6 de agosto, foi com o objetivo de que se alcançasse “um equilíbrio numérico com o processo de interiorização” em relação aos venezuelanos que já residiam no Brasil.

Decisões como essas de impedir a entrada de determinado grupo de pessoas que o governo considera problemático, e não a outros, representam uma busca de garantia que

o Estado tome precauções quanto à influência e/ou alargamento demográfico de migrantes em determinados países. Por isso que aumenta a instabilidade política nas regiões de fronteira e, ainda, compõem-se novas fronteiras culturais movidas pela intolerância e ausência de diálogo e/ou políticas sociais em todo o mundo. (CEOLIN; COLVERO; JOVINO, 2019, p. 204)

A presença de casos de sarampo na região Norte do Brasil no mesmo período que ocorria a entrada de venezuelanos no país foi outro fator que contribuiu para a política de controle de entrada. Considerado livre da doença, o Brasil não apresentava nenhum caso de sarampo em seu território graças à campanha de vacinação que o país adotou no século passado. Entretanto, com a diminuição de casos, houve uma despreocupação por parte da população e dos órgãos de saúde de continuar as campanhas de vacinação. Na Venezuela, a vacinação contra a doença não é uma prioridade, visto que muitos venezuelanos não se encontravam vacinados, fazendo com que o sarampo tomasse proporções maiores no Brasil. Essa situação foi apresentada pela mídia a partir de imagens mostrando os venezuelanos sendo vacinados e postos de saúde improvisados para atendê-los.

Figura 15: Criança venezuelana sendo vacinada (JN - 15/02/2018)



Fonte: G1

Apresentar o contexto em que as matérias foram produzidas é necessário para entender o porquê do uso de discursos visuais e verbais utilizados, já que na Análise do Discurso, o sujeito e a história, no caso, o contexto, são elementos que “não podem ficar à parte do estudo de como os sentidos se realizam na língua...Do ponto de vista do discurso, não se pode entender a língua como algo separado da história e dos contextos sociais” (SOUZA, 2014, p. 7).

Além disso, o sentido não é fixo, ele se altera a partir do contexto em que está inserido e “são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma

palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socio ideológico daqueles que a empregam”. (FERNANDES, 2013, p. 14).

No segundo trimestre, correspondente aos meses de maio, junho e julho de 2018, a construção das matérias oferece uma diferente representação da figura do venezuelano. A imagem do venezuelano sendo retratado como nômade e indigente continua aparecendo, mas também se inserem novas representações. Imagens de venezuelanos desembarcando de aviões e sendo recebidos em casas de acolhida e abrigos estão presentes nas reportagens do SBT Notícias (06/06/2018 e 17/07/2018) e no JN (04/07/2018). A partir de uma narração associando o discurso acolhedor com a representação de pessoas que passam por necessidades, se transmite a ideia de que a migração venezuelana não é uma questão que se pode ignorar. As matérias constroem essa narrativa pela utilização de dados sobre a entrada de venezuelanos no país e a utilização de entrevistas com membros e representantes da ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), já apresentando um cenário migratório de importância, sendo necessário a presença de autoridades na área da migração para explicar a situação e dados para comprovar a dimensão do cenário migratório.

Figura 16: Venezuelanos desembarcando de avião (SBT Notícias - 06/06/2018)



Fonte: Youtube²⁹

A atribuição de importância para o movimento migratório venezuelano também está presente nas matérias do R7 (21/06/2018), ao citar os dados divulgados pela ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) em 2018, em que “tratando de pedidos de refúgio, os venezuelanos só ficam atrás dos sírios, afegãos e iraquianos — todos egressos de países em guerra”. A matéria também expõe que o êxodo de venezuelanos “representa o maior fluxo migratório de pessoas na história recente da América do Sul”.

Com essa mudança, a responsabilidade do fenômeno migratório venezuelano deixa de ser uma questão de ordem política para se tornar uma questão social. Neste contexto, órgãos e

²⁹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qvSecZwTwEA>> Data de acesso: 07 de agosto de 2019

setores responsáveis que entendem e conhecem o cenário migratório aparecem. Em seu site oficial, a ACNUR Brasil reconhece sua função sendo pautada “pelos mesmos princípios e funções que em qualquer outro país: proteger os refugiados e promover soluções duradouras para seus problemas”. Com isso, se demonstra que a mídia apresenta indícios de que entende que a questão migratória não é somente um problema que afeta o Brasil, mas aos imigrantes também.

Sabendo que o jornalista é um sujeito que carrega consigo sua ideologia, e que esta interfere no modo como a realidade aparece para ele (TRAQUINA, 2005, p. 174), ela acaba por interferir no discurso apresentado nas matérias. Sendo a ideologia “a marca, o estigma destas condições políticas ou econômicas de existência sobre um sujeito de conhecimento que, de direito, deveria estar aberto à verdade” (FOUCAULT apud SOUZA, 2014, p. 77), não é simples separá-la do discurso jornalístico.

A interferência da ideologia pode ser vista nas matérias deste trimestre, em que o discurso apresentado coloca que o fenômeno migratório de venezuelanos é em consequência da crise política da Venezuela. Não há um enunciado dito pelo próprio jornalista, mas sua ideologia é posta a partir de determinados elementos presentes nas matérias.

No SBT Brasil (17/07/2018), a crítica ao governo venezuelano é apresentada a partir da fala de uma venezuelana, identificada como Maria, dita em off pelo repórter e complementada pela própria fala dela. “Maria diz que no país vizinho, tudo é muito caro e que não existe oferta de emprego e não se tem como ganhar dinheiro”. Ao final da fala do repórter a venezuelana apenas complementa: “Venezuela é mui caro tudo”.

Figura 17: Venezuelana Maria (SBT Brasil - 17/07/2018)



Fonte: Youtube³⁰

³⁰ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=RDSgkP_cWs> Data de acesso: 08 de agosto de 2019

Na matéria do R7 do dia 21/06/2018, a crítica ao governo se apresenta pela formação discursiva de que os venezuelanos tentam diferentes meios para permanecer nos países para o qual migraram, somente para não terem de voltar para a Venezuela, como colocado no seguinte enunciado presente na matéria: “O relatório da Acnur destaca, por exemplo, que 8.500 venezuelanos vivem no Brasil atualmente sob acordos de residência temporária, vistos de trabalho e vistos humanitários”.

O JN (04/07/2018) também apresenta sua crítica baseada na fala de venezuelanos. Ao apresentar o venezuelano Luis, a repórter informa que na Venezuela, ele trabalhava como assessor parlamentar, no Brasil, vive da venda de sucos na rua. Logo após essa informação, o venezuelano diz: “Estamos buscando um novo horizonte por causa da perseguição política e da situação econômica”. Ou seja, o JN associa a ideia de que a mudança de um emprego bom para um mais simples só aconteceu pois, é o modo como Luis obtém sua renda no Brasil, mas se não fosse pelo governo venezuelano, ele continuaria em seu país de origem. No decorrer da matéria, outro venezuelano é apresentado. Sem ser identificado, a repórter informa que ele era engenheiro elétrico na Venezuela, no Brasil, tem de dormir em um papelão na rua.

Figura 19: Venezuelano Luis (JN - 04/07/2018)



Fonte: G1³¹

Figura 18: Venezuelano ex-engenheiro elétrico (JN - 04/07/2018)



Fonte: G1

³¹ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/07/manuel-sente-nas-ruas-impacto-da-onda-migratoria-de-venezuelanos.html>> Data de acesso: 08 de agosto de 2019

Com isso, a mídia isenta o papel do governo brasileiro de sua obrigação de auxiliar os venezuelanos a se instalarem e terem boas condições de vida no país, atribuindo a culpa da vida precária dos venezuelanos no Brasil ao governo da Venezuela.

Entre os meses de agosto, setembro e outubro de 2018, a mídia tem sua atenção voltada para os conflitos iniciados na cidade de Pacaraima, no estado de Roraima.

No mês de agosto, a população da cidade de Pacaraima, em Roraima, atacou e destruiu um acampamento em que residia um grupo de venezuelanos. O ato foi motivado por um assalto que um comerciante local passou, sendo quatro venezuelanos suspeitos. Em matéria do dia 18/08/2018, o JN acaba por fazer uma associação em que aparenta que os venezuelanos são mesmo culpados pelo assalto. Na narrativa, enquanto imagens do comerciante em uma maca são transmitidas, a repórter diz em off: “A revolta começou depois que um comerciante brasileiro foi assaltado e agredido ontem à noite. Os suspeitos seriam quatro venezuelanos”. Antes desse enunciado, imagens dos protestos entre venezuelanos e brasileiros são transmitidos, contribuindo para a associação de que o ataque aos acampamentos dos venezuelanos teve uma justificativa.

Figura 20: Comerciante em maca (JN - 18/08/2018)



Fonte: GloboPlay³²

Esse ângulo é relevante em comparação ao que a mídia apresentou antes pois é neste momento que o impacto da migração venezuelana é sentida de fato, já que antes, somente era informado os problemas em um contexto geral no Brasil. Aqui, a população de Pacaraima responde pelos problemas que a presença de venezuelanos causou na cidade.

³² Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6955998/>> Data de acesso: 15 de agosto de 2019

As matérias dos JN e do portal G1 acrescentam em sua narrativa vídeos gravados pelos próprios moradores de Pacaraima no momento em que destroem um acampamento improvisado de um grupo de venezuelanos. Ao mesmo tempo em que destroem as coisas, os brasileiros dizem o motivo de estarem fazendo isso. Em matéria do JN (18/08/2018), enquanto imagens da destruição do acampamento são passadas, um brasileiro diz: “É desse jeito agora. Se não tem governante, se não tem autoridade por nós, nós vamos fazer nossa autoridade”.

Figura 21: Acampamento de venezuelanos sendo destruído (JN - 18/08/2018)



Fonte: GloboPlay

No G1 (19/08/2018) a matéria possui um vídeo do canal GloboNews, com imagens dos protestos. No texto, há a fala de Kátia Sousa, moradora de Pacaraima dizendo que: “Foi um ato de vandalismo, mas foi preciso que acontecesse. Várias vezes pedimos ajuda às autoridades, mas não nos ouviram. Aqui não tem segurança. A população chegou ao seu limite e fez isso para que alguma atitude fosse tomada”.

Há a presença de falas de venezuelanos neste cenário como resposta aos ataques realizados pelos brasileiros, ou seja, a mídia neste período dá voz aos venezuelanos, apresentando os dois lados dos acontecimentos, como a matéria do R7 (24/08/2018), em um vídeo em que Jesus Oitia, identificado como refugiado venezuelano, diz: “Não sei se é porque estamos em um país que não é o nosso. Não entendo. Nós estamos aqui, e querem nos maltratar e humilhar”.

Figura 22: Venezuelanos Jesus Oitia (R7 - 24/08/2018)



Fonte: R7³³

As matérias desse período não possuem o venezuelano como personagem protagonista da narrativa. Mesmo que sua fala apareça, ele é visto apenas como um indivíduo que está envolvido no contexto. Porém, por apresentar o lado do venezuelano, a mídia atribui à imagem dele um aspecto humano, de alguém que também sofre com os movimentos migratórios que ocorrem.

Após o ocorrido em Pacaraima, as matérias começam a apresentar dados sobre o percentual da população brasileira. Os dados mostram quais cidades possuem o maior e menor número de habitantes, além de apresentar, através de gráficos, o crescimento do número de venezuelanos no Brasil com o passar do tempo. O que ocorre é uma tentativa da mídia de oferecer justificativas para o ocorrido na região Norte, mostrando que essa não é uma região com muitos recursos para atender a novos grupos e que o Brasil, principalmente o estado de Roraima, não estava preparado para receber muitos venezuelanos.

Neste trimestre, a imagem do venezuelano ainda aparece sendo associada pela mídia como um sujeito nômade e indigente. Os enunciados, atrelados às imagens utilizadas nas matérias, contribuem para um discurso de contextualização da situação migratória. O SBT Notícias (30/08/2018), apresenta dados sobre a estimativa da entrada de venezuelanos nos próximos anos, ao mesmo tempo em que imagens de venezuelanos embarcando em ônibus são reproduzidas.

Figura 23: Venezuelanos em ônibus (SBT Notícias: 30/08/2018)



Fonte: Youtube³⁴

³³ Disponível em: < <https://noticias.r7.com/brasil/medo-e-desemprego-afligem-venezuelanos-em-roraima-24082018>> Data de acesso: 15 de setembro de 2019

³⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=P72fnLjqmZI>> Data de acesso: 16 de agosto de 2019

Estimativas de entrada de venezuelanos no país em 2018 também são apresentada pela matéria do G1 do dia 29/08/2018. A matéria é composta por dados referente à venezuelanos que migraram, expondo o critério de observação. Com o seguinte enunciado: “entre 2015 e 1º de julho de 2018, deram entrada no Brasil cerca de 30,2 mil venezuelanos. Para chegar ao número de 30,8 mil vivendo no país até o dia 1º de julho, o IBGE considerou movimentos inerentes a qualquer população residente em um país”.

Em suas matérias do terceiro trimestre analisado, R7 e JN fornecem fragmentações visuais para constituir a representação do venezuelano como um sujeito nômade e de vida precária.

Sendo a representação, na concepção de Charaudeau “um mecanismo de construção de sentido que molda e formata a realidade em significante real interconectando conhecimentos fragmentados da ‘realidade social’ (PESSOA, 2018, p. 44), a mídia acaba exercendo o papel de oferecer esses conhecimentos fragmentados, em que a partir de elementos discursivos, moldam a realidade.

O R7 do dia 24/08/2018 utiliza em sua narrativa sobre o medo dos venezuelanos sobre o desemprego, o depoimento de venezuelanos que vieram ao Brasil em busca de uma vida melhor, além de informar o porquê vivem em condições precárias no país. Uma dessas entrevistas é do venezuelano identificado como Vallenila, que antes trabalhava em uma fábrica de vidros na Venezuela, mas no Brasil, vive da venda de suco de limão e chicha. Em seu depoimento ele diz: “— Você acha que eu queria estar aqui debaixo desse sol? Somos todos profissionais aqui. Não é possível que não tenha emprego pra gente aqui no Brasil. Vocês são 200 milhões, e nós somos muito poucos”. Ao lado do depoimento de Vallenila, uma imagem de duas pessoas em estrada aparece na matéria, associando o discurso de nômade à condição do venezuelano.

Figura 24: Depoimento do venezuelano Vallenila (R7 - 24/08/2018)

R7 BRASIL | Medo e desemprego afligem venezuelanos em Roraima



Venezuelanas caminham pela rodovia em Boa Vista
Márcio Neves/R7

Ex-funcionário de uma fabricante de vidros em Puerto Ordaz, Vallenilla vende hoje suco de limão e chicha em frente à sede da Polícia Federal, a R\$ 1,00 sob o sol de 32 graus da capital roraimense.

— Você acha que eu queria estar aqui debaixo desse sol? Somos todos profissionais aqui. Não é possível que não tenha emprego pra gente aqui no Brasil. Vocês são 200 milhões, e nós somos muito poucos.

Em poucos minutos circulando pela cidade, o visitante da pequena Boa Vista vai notar dezenas de venezuelanos caminhando ou andando de bicicleta oferecendo todo tipo de serviço, principalmente homens, para trabalho em construção e atividades domésticas, além de mulheres vendendo quinquilharias, cuidando de crianças, carregando malas ou limpando vidro nos faróis.

Fonte: R7³⁵

Com a temática sobre a transferência de venezuelanos em Roraima para outros estados, a matéria do JN do dia 28/08/2018 apresenta um dos processos do plano de interiorização, consistindo em deslocar os imigrantes para cidades do Brasil com maiores oportunidades de trabalho. Essa deslocação reforça a ideia de sujeito nômade, mostrando o venezuelano em rodoviária, embarcando em avião durante a reportagem.

Figura 25: Venezuelanos embarcando em avião (JN - 28/08/2018)



Fonte: G1³⁶

Essa transferência é vista com algo positivo na matéria. No seguinte off, a repórter diz “Darvin (venezuelano) foi para Roraima à procura de trabalho. Não conseguiu. Manaus é o próximo destino. Esperança, de assim, trazer os três filhos que ficaram na Venezuela e seguir adiante”.

Ao final da matéria, a repórter, se referenciando ao venezuelano identificado como Arquimedes, que também faz parte do processo de interiorização e está sendo transferido para a Paraíba, diz: Depois de viver nas ruas com a esposa e os filhos, tudo que ele mais deseja é procurar emprego e assim ajudar o restante da família que ainda está na Venezuela”. Com isso, o discurso presente associa a mudança de cidade pelos venezuelanos como algo que reacende suas esperanças e desejos, sendo visto como algo positivo.

A utilização dessas imagens para representar os venezuelanos, demonstra que a mídia perdura o imaginário social de que imigrante é um sujeito que passa por dificuldade, que não se fixa em um local. Isso ocorre, pois, "por 'viver' os seres humanos utilizam uma variedade

Disponível em: < <https://noticias.r7.com/brasil/medo-e-desemprego-afligem-venezuelanos-em-roraima-24082018>> Data de acesso: 15 de agosto de 2019

³⁶ Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/grupo-de-venezuelanos-e-transferido-de-roraima-para-outros-estados.ghtml>> Data de acesso: 15 de agosto de 2019

de sistemas de representação para experimentar, interpretar e 'dar sentido' às condições de sua existência" (HALL, 2008, p. 117). Atribuir características a um sujeito desconhecido é um modo de como a sociedade lida com aquilo que ela não tem conhecimento ou desconhece.

A utilização das mesmas imagens pela mídia para ilustrar a situação dos venezuelanos acaba por fixar certos estereótipos sobre esse grupo, interferindo no modo como a sociedade a enxerga. Isso se dá pois

as fotografias concorrem para o fortalecimento dos estereótipos porque perduram na mente e podem emocionar mais do que as palavras. Quando os estereótipos visuais são repetidos vezes suficientes, nomeadamente através da imprensa, tornam-se parte de uma cultura (LESTER apud SOUSA, 2002, p. 2).

O estado de Roraima foi considerado como o menos populoso do Brasil. Segundo dados do IBGE de 2018, sua população é de apenas 605,8 mil habitantes, o que representa 0,3% da população total do país. Ou seja, é um estado que possui sua estrutura preparada para comportar poucas pessoas. A cidade de Pacaraima, localizada no estado de Roraima, é a porta de entrada de venezuelanos para o Brasil, já que a fronteira entre os dois países se encontra na cidade. Porém, a região é afetada pelo baixo controle e fiscalização policial na fronteira, resultando em falta de controle da entrada de pessoas ao país. Segundo o relatório trimestral do Comitê de Assistência Emergencial de maio de 2018, ao final do mês estava previsto um plano sobre a fronteira brasileira para que “a montagem de estruturas que permitam com que a recepção, identificação, fiscalização sanitária, regularização migratória e triagem dos imigrantes sejam feitas ainda na entrada do país”. Ou seja, até esse período, a fronteira apresentava deficiências em sua estrutura.

O processo de interiorização foi outra medida adotada pelo governo brasileiro para resolver a questão migratória venezuelana, que consiste em deslocar

imigrantes para outros estados brasileiros com apoio do Governo Federal, e tem como objetivo oferecer maiores oportunidades de inserção socioeconômica aos imigrantes venezuelanos e diminuir a pressão sobre os serviços públicos do estado de Roraima (Relatório Trimestral- Comitê Federal de Assistência Emergencial, MAIO, 2018, p. 13)

Esse deslocamento de grupos de venezuelanos pelo processo de interiorização é refletido nas matérias, pois as cidades em que os venezuelanos são distribuídos possuem contextos diferentes, como distância geográfica de Roraima e contexto social.

Essa diferença de localização geográfica é apresentada através das matérias do R7 e G1, ambas publicadas na mesma data, 06/09/2018, mas contendo narrativas diferentes. No

R7, o contexto é a época de eleição do governo local, em que os políticos atribuem a culpa dos problemas da região de Roraima para os venezuelanos, como informa o seguinte enunciado presente na matéria: “O governo local infla algumas informações sobre a crise de refugiados para responsabilizar os venezuelanos por problemas do Estado — e também para pressionar a União a liberar mais recursos para Roraima.”

A matéria se preocupa em apresentar os dois lados, os problemas locais vistos a partir dos políticos e da população que atua nos setores com problemas. Durante a matéria, os problemas que os políticos atribuem aos venezuelanos, são justificados por dados que informam que os problemas na região são causados por falta de estrutura econômica e política. Importante frisar que é necessário a mídia abordar os dois lados de um problema, pois,

O discurso, tanto textual, quanto imagético, sobre determinado fato ou pessoa pode transmitir ao público a representação do que se pensa ou se almeja moldar do que é e como deve ser visto. Esse discurso jornalístico também pode ser permeado por omissões de informação, falta de conhecimento quando da elaboração e produção da reportagem em um curto espaço de tempo, edição do material, enquadramento das imagens e escolhas de quais recortes de imagem serão privilegiados (ASSIS; FRAZÃO, 2017, p. 115)

Figura 26: Cozinha de hospital em Pacaraima (R7 - 06/09/2018)



Fonte: R7³⁷

Já o G1 apresenta uma matéria na mesma data sobre o acolhimento de venezuelanos pela população da cidade de Esteio- RS. Durante a construção do texto, há uma imagem de venezuelanos sorrindo, além de entrevistas agradecendo o acolhimento. Uma dessas entrevistas é de Marco Carrasquel. O venezuelano que faz parte do grupo transferido para Roraima diz a seguinte frase: “Não há palavras para expressar o recebimento dos irmãos brasileiros, dos irmãos aqui de Esteio, a ajuda da comunidade internacional”. Porém, durante

³⁷ Disponível em: < <https://noticias.r7.com/brasil/as-vesperas-da-eleicao-roraima-infla-crise-de-venezuelanos-06092018>> Data de acesso: 16 de agosto de 2019

a matéria, a questão migratória em Roraima é citada a partir do seguinte enunciado: “A vinda dos imigrantes ao Brasil integra o esforço de interiorização, realizado pelo governo federal frente à crise migratória em Roraima. Com 330 mil habitantes, o estado recebeu em torno de 40 mil venezuelanos”.

Figura 27: Recepção de venezuelanos em Esteio - RS (G1 - 06/09/2018)



Fonte: G1³⁸

No período do quarto trimestre, que envolve os meses de novembro, dezembro e janeiro, a abordagem apresentada pela mídia possui a imagem do venezuelano como alguém que tenta reconstruir a via, e que para isso, necessita de ajuda.

Os discursos apresentados nas matérias do SBT e JN neste trimestre possuem a ideia de recomeço de vida. A partir da ajuda de setores sociais e brasileiros, as matérias mostram a nova rotina que eles têm e o modo como vivem no Brasil. Em matérias exibidas pelo SBT Brasil, uma trata sobre a inauguração de um abrigo para venezuelanos em Roraima (23/11/2018) e outra sobre o número de pedido de refúgio solicitado pelos venezuelanos no Brasil (25/01/2019), enquanto o JN exibiu uma matéria sobre a ajuda que brasileiros deram a uma família de imigrantes venezuelanos (25/12/2018).

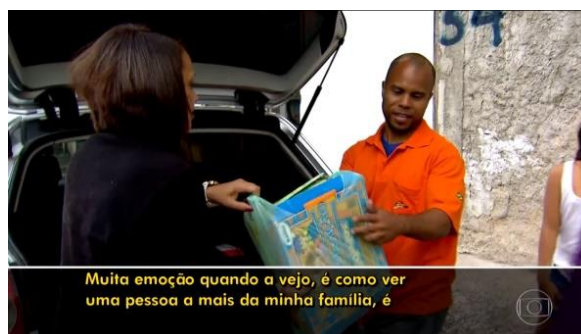
Figura 28: Abrigo em Roraima (SBT Brasil - 23/11/2018)



³⁸ Disponível em: < <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/09/06/nao-ha-palavras-para-expressar-o-recebimento-dos-irmaos-brasileiros-diz-venezuelano-apos-chegar-a-esteio.ghtml> > Data de acesso: 15 de agosto de 2019

Fonte: Youtube³⁹

Figura 29: Professora brasileira ajudando família de venezuelanos (JN - 25/12/2018)



Fonte: GloboPlay⁴⁰

Essa abordagem de ajuda sobre os venezuelanos é apresentada pois durante o ano de 2018, a Venezuela enfrentou problemas econômicos que resultaram em uma forte crise financeira que se refletiu no final de 2018 e início de 2019. Em agosto de 2018, os Estados Unidos impuseram sanções financeiras ao país, deixando a Venezuela com uma alta dívida externa. Também em agosto de 2018, a moeda do país, o bolívar, teve seu valor reduzido em 96%, desvalorizando o dinheiro venezuelano. Ao final do ano, a Venezuela já apresentava uma inflação de quase 1.700.000%. Com isso, muitos venezuelanos começaram a ter um estilo de vida precário, com racionamento de produtos e alimentos no país, o que ajudou na construção de que venezuelanos são pessoas que precisam de ajuda para sobreviver.

Em matéria do SBT Brasil do dia 25/01/2019, uma sonora da venezuelana Verônica Castañeda é exibida, em que ela fala sobre os problemas que teve na Venezuela e como foi tratada como uma brasileira normal, e não como alguém de fora. "Lá (Venezuela) não tem como ajudar nós no parto entendeu. Foi difícil porque tinha problemas de eu morrer e minha filha entendeu. (No Brasil) foi tudo bem, eu sentia que me atendiam como se fosse uma brasileira a mais".

³⁹ Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=0PS7pVFQvsw&list=PLs_uSqudBOqaKWQfLjp05YbZckc7fmQ5h&index=4&t=0s> Data de acesso: 16 de agosto de 2019

⁴⁰ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/7256956/>> Data de acesso: 17 de agosto de 2019



Fonte: Youtube⁴¹

Nesta fala, a venezuelana atribui uma importância sobre não ser vista como alguém de fora, gerando um sentido de que ser tratada como uma brasileira é melhor do que como uma venezuelana, uma estrangeira. Algo visto como positivo, pois, quando o imigrante, “ao aceitar seu estatuto de não nacional, ele também aceita sua condição de não cidadão; não mais apenas como alógeno ou não cidadão no país e sociedade de acolhimento, mas sim como não cidadão em todo lugar, um sujeito desempossado de qualquer tipo de cidadania” (EIHAJJI, 2017, p. 209), podendo não ter direitos ou oportunidades iguais a população local.

Essa anulação de identidade, de não querer ser reconhecido como venezuelano, mas sim como brasileiro, Hall (2008, p. 57) coloca como sendo a “proliferação subalterna da diferença”, sendo “um paradoxo da globalização contemporânea de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si”(idem) em que um sujeito que se encontra em uma sociedade nova, ele abandona elementos de sua identidade para se assemelhar aos demais à sua volta.

Na matéria do JN, veiculada no dia 25 de dezembro de 2018, há a presença de um venezuelano que é utilizado como personagem da narrativa, mostrando que sua vida no Brasil melhorou após ter recebido ajuda de uma professora brasileira. A matéria apresenta toda a trajetória do venezuelano Juan, desde que chegou ao Brasil, acompanhado de imagens de sua família e da casa temporária. A imagem que encerra a matéria é do venezuelano abraçando a professora Valdirene Pessoa, a brasileira que o ajudou, enquanto ele se emociona. Durante a reportagem, uma imagem das bandeiras do Brasil e da Venezuela aparecem hasteadas próximas, remetendo à ideia de aproximação entre os dois países. A abordagem apresentada na matéria pode ser explicada pelo momento em que é transmitida, no dia de Natal. Remete à época de caridade e ajuda ao próximo, mostrando uma boa ação que uma brasileira fez para auxiliar uma família de venezuelanos. Com isso, há a identificação da imagem do brasileiro com o do venezuelano, de amparo.

⁴¹ Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=IPxReoGSU90&list=PLs_uSqudBOqaKWQfLjp05YbZcck7fmQ5h&index=2&t=0s> Data de acesso: 18 de agosto de 2019

Figura 31: Venezuelano Juan com família

Fonte: GloboPlay

As matérias também apresentam informações sobre quais países estão recebendo imigrantes venezuelanos e os problemas que esse grupo enfrenta. Com isso, a mídia reconhece a dimensão que resultou do problema migratório. Ela não atém a somente relatar as questões que ocorrem no Brasil, mas o alcance que a migração venezuelana teve em âmbito global, atribuindo a ela uma importância de fenômeno cultural, não podendo ser vista ou explicada como algo que ocorre em um contexto isolado, por somente governos locais, como estava acontecendo antes, mas por autoridades e órgãos com credibilidade no assunto.

Neste período, as matérias voltam a trazer órgãos e setores que estão envolvidos na melhoria da vida dos imigrantes. Há a presença de informações da ONU na matéria do G1 do dia 26 de novembro de 2018, de representante da PMA (Programa Alimentar Mundial) na matéria do R7 do dia 18 de janeiro de 2019, com o seguinte enunciado presente na matéria: "Estes migrantes sofrem um alto risco de insegurança alimentícia, com apenas 1,7% das mulheres tendo acesso a suplementos", destacou em entrevista coletiva em Genebra o porta-voz do PMA Herve Verhoosel".

Figura 32: Militar explicando sobre o processo de interiorização (SBT Brasil - 23/11/2018)

Fonte: Youtube

Ou seja, neste momento, a atribuição de importância de fontes, dada pelo jornalista pelo seu papel de ator político, é atribuída a figuras de autoridades e grupos sociais, por serem as referências para comentar sobre o processo migratório e as proporções que o movimento

tomou. Essa atribuição de importância já havia ocorrido durante os meses de fevereiro e março de 2018, quando o movimento migratório venezuelano começava a tomar proporções no Brasil, sendo políticos a figura de autoridade. A presença de setores humanitários nas matérias neste contexto parece ir ao encontro de uma das diretrizes exposta na Declaração de Princípios sobre a Tolerância. Em seu 5º artigo, a Declaração coloca que “comprometemo-nos a fomentar a tolerância e a não violência por meio de programas e de instituições no campo da educação, da ciência, da cultura e da comunicação” (1995, p. 16), a fim de assegurar os direitos dos imigrantes e que sejam de conhecimento a todos.

Com isso, a mídia coloca o movimento migratório como um problema social, e não um acontecimento sem nenhuma justificativa.

Problema social que o discurso jornalístico, atribui novamente ao governo da Venezuela, como apresentado durante os meses de fevereiro, março e abril de 2018. Um exemplo é a matéria do SBT Brasil do dia 25/01/2019, em que apresenta uma BG com a imagem da bandeira da Venezuela, enquanto o âncora Carlos Nascimento pronuncia a seguinte frase: “Segundo o Ministério da Justiça, 81 mil venezuelanos pediram refúgio no Brasil desde o começo da crise no país vizinho há seis anos. Somente no Distrito Federal, são quase 250 refugiados que enfrentam o drama de recomeçar a vida do zero e longe de casa”.

Figura 33: Âncora Carlos Nascimento introduzindo matéria (SBT Brasil - 25/01/2019)



Fonte: Youtube⁴²

Há uma ideia subjetiva de que a migração que ocorre é em decorrência de um governo que apresenta problemas econômicos e políticos. Quando a mídia faz isso, ela fornece elementos discursivos para que a população do Brasil entenda que a questão migratória é um

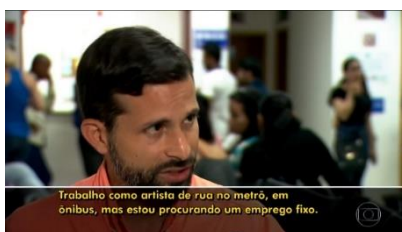
⁴² Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=IPxReoGSU90&list=PLs_uSqudBOqaKWQfLjp05YbZckc7fmQ5h&index=2&t=0s> Data de acesso: 18 de agosto de 2019

problema originado da política de outro país, e que o Brasil não teria obrigação de ajudar os venezuelanos.

Ao identificarem os venezuelanos, a mídia informa além dos seus nomes, os cargos em que ocupavam no país de origem e quais ocupam no Brasil, como se estivesse atribuindo uma característica, uma curiosidade sobre o venezuelano em si. A maioria dos empregos que os venezuelanos tinham na Venezuela eram bons, em comparação aos que conseguiram aqui. Na matéria do JN do dia 25/12/2018, dois venezuelanos aparecem sendo informado seus nomes e seus trabalhos passados e atuais. A venezuelana Maria Cristina, que antes era professora de inglês, no Brasil, sua renda é baseada em bicos que faz, e do venezuelano identificado como Félix, historiador, que na Venezuela trabalhava como diretor de um museu em Caracas. No Brasil, não tem emprego fixo.

Figura 34: Venezuelano Félix (JN- 25/12/2019)



Fonte: GloboPlay

Ou seja, a mídia acaba por reforçar a imagem de que o venezuelano é uma pessoa que se submete a um padrão de vida mais baixo. Com isso, a mídia acaba por atribuir outra marca discursiva em torno da imagem do imigrante venezuelano, e assim materializa “fronteiras para semelhanças e diferenças; cria suas próprias definições de hierarquias e conjuntos a partir de referências” (PESSOA, 2018, p. 45). Com essa mudança de representação, o imaginário social construído a partir dos elementos que a mídia explícita, a imagem do venezuelano não se associa somente ao do sujeito migrante, mas de alguém que também tenta reconstruir sua vida de uma maneira subalterna aos demais.

Durante os meses de fevereiro, março e abril, o processo migratório divide espaço com o cenário político venezuelano que ocorre no início de 2019. Neste tempo, as matérias continuam mostrando o desenrolar da migração venezuelana, mas também atribuindo importância à política do país vizinho.

Com o resultado das eleições para presidente da Venezuela e aumento da inflação do país, o presidente da Assembleia Nacional da Venezuela, Juan Guaidó se auto declarou presidente interino do país, gerando conflitos entre a população que apoia Nicolás Maduro, presidente eleito, e os que apoiam Guaidó. Essa mudança de pauta pela mídia neste período

pode ser explicada pelos critérios de produção de notícia, como colocado por Gislene Silva (2005, p. 95), “com abordagem sobre atributos como conflito, curiosidade, tragédia, proximidade etc.”.

As matérias exibidas pelo SBT e JN apresentam em sua narrativa, o contexto político na Venezuela. No decorrer das reportagens, são passadas imagens de conflitos para ilustrar a situação que a disputa política no país vizinho causou entre a população venezuelana. Em matéria exibida no dia 02/02/2019, com a temática sobre a crise financeira da Venezuela, sendo ilustrada por imagens de mercados com prateleiras vazias e notas de dinheiro venezuelano, se associa que os problemas presentes no país se dão por problemas no governo do país.

Figura 35: Prateleiras de mercado na Venezuela vazias (SBT Brasil - 02/02/2019)



Fonte: Youtube⁴³

Ainda na matéria, há imagens de manifestações, uma de apoio a Maduro e outra a Guaidó, e no final, imagens de protestos e conflitos entre a população e agentes da polícia são mostradas, indicando que a situação da Venezuela está caótica.

No cenário migratório, esse contexto de conflitos internos no país demonstra que o governo da Venezuela possui outra preocupação além da migração, que é tentar manter a sua estrutura governamental. Porém, essa tentativa de preservação de poder acaba por resultar em consequências externas ao país. A visibilidade que a mídia dá para essas manifestações fornecem ao público brasileiro uma justificativa para o processo migratório que ocorre para o Brasil.

Em matéria do SBT Brasil do dia 22/02/2019, que trata sobre a decisão de Maduro de fechar a fronteira entre o Brasil e a Venezuela, mostra quais os efeitos que essa decisão causou ao estado de Roraima. Durante a reportagem, imagens que remetem a uma cidade vazia, com ruas sem pessoas e comércio fechado, além de uma sonora de uma comerciante brasileiro, que ao ser questionada pela repórter do porquê já estar fechando as portas de seu

⁴³ Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=ayUBu9o22eU&list=PLs_uSqudBOqaKWQfLjp05YbZckc7fmQ5h&index=10&t=6s> Data de acesso: 20 de agosto de 2019

estabelecimento responde: “Porque não tem movimento aqui, 100% dos comércios dependem dos venezuelanos, ai não tem como a gente trabalhar assim”.

O JN no dia 08/03/2019 também apresenta uma narrativa que mostra o impacto das decisões políticas do governo da Venezuela. Além de abordar o fechamento da fronteira em Pacaraima, decisão que afeta o comércio local, as escolas com poucos alunos e prejuízo nas exportações, a matéria também aborda a suspensão de energia da Venezuela para Roraima, visto que o Estado é o único no país que não está interligado com as usinas de energia no Brasil. Ao final da reportagem, um comerciante dá seu depoimento sobre as consequências da suspensão de energia: “o transtorno da queda de energia é muito grande. Agora mesmo a gente tá trocando o motor da ilha porque a queda de energia leva a queimar o motor”.

Figura 36: Queda do comércio em Pacaraima (JN - 08/03/2019)



Fonte: GloboPlay⁴⁴

Neste contexto, os venezuelanos deixam de ser mostrados como um problema ao estado de Roraima, e passam a ser vistos como figuras necessárias para o bom funcionamento da cidade, principalmente no comércio.

Os problemas apresentados agora na região da fronteira entre os dois países não são em consequência da presença de venezuelanos, mas sim as decisões do próprio governo venezuelano. Os imigrantes também são apresentados como afetados pela política de seu país.

A presença dos venezuelanos nas matérias se dá para comentar sobre a gestão política de Maduro. Na matéria publicada pelo R7 do dia 30/04/2019, há a fala de venezuelanos que residem no Brasil, e a partir de seus depoimentos, apenas aparecem críticas a Maduro. Das três opiniões apresentadas, duas criticam o governo atual da Venezuela, e uma crítica às forças policiais do país, comandadas pelo atual presidente.

Um dos relatos negativos à Maduro é feito pelo venezuelano Luis Angelino, se referindo ao avanço da oposição no país: “Acho que daqui para frente é só liberdade. No começo vai ser difícil, sim, porque o país foi saqueado e levaram toda a nossa riqueza para

⁴⁴ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/7441795/>> Data de acesso: 23 de agosto de 2019

fora. Mas nós temos condições — reservas de petróleo, ouro e água — para voltarmos a ser o país mais desenvolvido da América Latina. São muitos recursos e há o apoio dos Estados Unidos, dos europeus, do Brasil, da Argentina e do Chile — que querem liberdade para o povo venezuelano”. Neste enunciado, o venezuelano se refere a uma gestão, que ele atribui como ruim no país no decorrer dos anos, gestão realizada durante o governo de Maduro.

Figura 37: Venezuelano Luis, com seu comentário (R7 - 30/04/2019)



Fonte: R7⁴⁵

Outro depoimento presente na matéria do R7 é da venezuelana Naykari Bolivar, se referindo à polícia de seu país: “A verdade é que as Forças Armadas na Venezuela estão muito corrompidas. Quando vi tantos militares nas imagens hoje mais cedo, me perguntei: ‘Será que as pessoas não têm medo?’”.

Ou seja, em vez de figuras políticas e especialistas para comentar sobre a situação da Venezuela, o jornalista atribui importância à experiência e vivência dos próprios venezuelanos.

Com isso, a mídia acaba por representar um elemento de ligação entre a figura do venezuelano com o do brasileiro, sendo os dois afetados pela política do país vizinho.

⁴⁵ Disponível em: < <https://noticias.r7.com/internacional/medo-e-otimismo-venezuelanos-no-brasil-comentam-levante-de-guaido-01052019>> Data de acesso: 24 de agosto de 2019

Figura 38: Policiais bloqueiam a passagem de venezuelanos (SBT Brasil - 22/02/2019)



Fonte: Youtube⁴⁶

Figura 39: Policiais impedindo passagem para aduana (JN - 08/03/2019)



Fonte: GloboPlay

Ainda acerca do enquadramento discursivo das matérias, registramos a ocorrência de narrativas que mostravam a imagem de policiais nas ruas e ou especificamente presentes justo na região da fronteira. Uma associação possível do aparecimento da figura policial é a ideia de que a migração é um problema que deve ser resolvido na fronteira do país, para que não se estenda pelo restante do país. Segundo Rosière, a “construção de marcadores territoriais que sustentam o processo de integração, como as pontes e aduanas, deixam entender que a construção de obstáculos físicos que limitam a mobilidade, demarcam ao mesmo tempo símbolos de época, assim como seu problema” (COLVERO; PINTO; RETAMOSO, 2017, p. 5), sendo a fronteira entre Brasil e Venezuela um obstáculo aos venezuelanos superar e para o governo, dificultar essa passagem.

Ou seja, a mídia ainda apresenta um discurso de não aceitação total do movimento migratório, visto que utiliza ele para basear suas críticas ao governo de Maduro. Neste período em que a mídia aborda os conflitos na Venezuela, se percebeu que as reportagens do SBT e JN utilizaram como BG a imagem da bandeira da Venezuela, enquanto os âncoras introduzem as matérias, associando o discurso de conflito e crise política a um símbolo nacional, no caso, remetendo a Venezuela.

⁴⁶ Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=dphhF4u7f0Q&list=PLs_uSqudBOqaKWOfLjp05YbZckc7fmQ5h&index=8&t=8s> Data de acesso: 02 de setembro de 2019

No SBT Notícias do dia 23/02/2019, a imagem em BG aparece ao fundo, enquanto o âncora diz: “Violência e tensão marcaram o dia D da entrega de ajuda humanitária na Venezuela na divisa entre os dois países (Venezuela e Colômbia). Caminhões carregados de mantimentos foram incendiados”.

Figura 40: Âncora introduzindo matéria com BG ao fundo (SBT Notícias - 23/02/2019)



Fonte: Youtube⁴⁷

A utilização do BG com a imagem da bandeira da Venezuela também está presente na matéria do JN no dia 23/02/2019, junto com a bandeira da Colômbia, para falar também sobre os conflitos que ocorriam entre os dois países. Ao introduzir a matéria, o âncora diz: “Confrontos marcaram nesse sábado o dia D na Venezuela. Data que o líder da oposição Juan Guaidó escolheu para a entrada de 200 toneladas de ajuda humanitária internacional em solo venezuelano”.

Figura 41: Âncora introduzindo matéria, com BG ao fundo (JN - 23/02/2019)



Fonte: GloboPlay⁴⁸

Ou seja, a mídia apresenta uma formação discursiva que não é favorável ao governo de Maduro. Isso pode ser entendido, já que na Análise do Discurso, “há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo deve ser capaz de compreender” (ORLANDI apud SOUZA, 2014, p. 49).

⁴⁷ Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=GqMJ4Vdiiug&list=PLs_uSqudBOqaKWQfLjp05YbZckc7fmQ5h&index=5&t=0s> Data de acesso: 03 de setembro de 2019

⁴⁸ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/7406906/>> Data de acesso: 03 de setembro de 2019

A utilização do termo [venezuelano] para se referir ao grupo migratório presente no Brasil, termo frequente nas matérias, associado ao discurso de conflito e problemas políticos, pode ser entendido como um reforço à imagem da Venezuela como governo problemático, neste caso, o governo de Nicolás Maduro, já que esses sujeitos venezuelanos, possuem “identidades discursivas que, por sua vez, também são inconstantes e são moldadas a cada interação, de acordo com as circunstâncias específicas do discurso e o contrato de comunicação” (PESSOA, 2018, p. 41).

Em matéria do G1 (09/03/2019) sobre a previsão de imigrantes venezuelanos em 2019, no enunciado presente: “o relatório revela que 87% dos lares venezuelanos estão abaixo da linha da pobreza, contra 50% em 1996, e informa que a pobreza extrema supera 60%”, se tem o termo [venezuelano] associado à situação social desse grupo, neste caso, negativa.

Outro exemplo é a matéria do R7 do dia 30/04/2019, em que no seguinte enunciado: “para os venezuelanos que moram no Brasil, medo e otimismo se misturam quando o assunto é a crise que se desenrola na Venezuela nesta terça-feira (30)”, o termo novamente se associa ao discurso negativo do governo venezuelano.

A associação de imagens de conflitos com o processo migratório é algo já presente na narrativa midiática ao abordar o tema da migração. Algo que o público já reconhece pelo processo migratório ocorrido em 2011 na Síria e em outras áreas do Oriente Médio, em que imagens de bombardeios e grupos de manifestantes eram comuns. Com isso, o público associa a ideia de que conflitos existentes em determinada área resultam em processos migratórios.

O que ainda não se percebeu durante a análise é a importância que a mídia atribui ao fenômeno da diáspora da população venezuelana. Sabendo que em um contexto de globalização, a aproximação entre povos é algo natural, a mídia ainda não atribui ao movimento migratório venezuelano um movimento natural da humanidade, com benefícios para os países que o recebem e para o grupo migratório que tem a chance de restabelecer uma nova vida.

No último período de análise, que compreende os meses de maio, junho, julho e agosto, percebemos uma alteração de representação entre os meses.

Durante os meses de maio e junho, as matérias mostram os venezuelanos como um grupo migratório que passa por dificuldades. Já durante os meses de julho e agosto, os venezuelanos passam a ser vistos como já inseridos na população brasileira, a partir da ajuda de terceiros e que aparentam terem conseguido se fixar no Brasil.

As matérias divulgadas nos meses de maio e junho possuem narrativas que remontam a um pensamento extremo de preocupação sobre a situação dos refugiados venezuelanos. Isso pode se justificar pelo fato de que em maio de 2019 a ONU classificou os imigrantes venezuelanos como refugiados. Com isso, a mídia começa a apontar os problemas envoltos no grupo migratório de venezuelanos.

Neste período, O JN transmitiu duas matérias que falam sobre o número recorde de venezuelanos que atravessam a fronteira entre Brasil e Venezuela (01/05/2019) e a pressão que há na Venezuela para que Maduro deixe o poder (02/05/2019). Na primeira, a presença de imagens mostrando venezuelanos em situação precária são exibidas, enquanto a repórter diz em off: “É madrugada e as ruas viram um dormitório de quem não tem onde ficar em Pacaraima. Eles são venezuelanos que fogem da crise na Venezuela”.

Figura 42: Venezuelanos dormindo em rua de Pacaraima (JN - 01/05/2019)



Fonte: G1⁴⁹

Ainda na matéria do JN (01/05/2019), enquanto a repórter diz que cresceu o número de venezuelanos que solicitaram refúgio no país, são exibidas imagens de grupos de venezuelanos com bagagens, o que fixa a ideia de nomadismo, deslocamento por esse grupo.

Figura 43: Grupo de venezuelanos (JN - 01/05/2019)



Fonte: G1

⁴⁹ Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/01/na-fronteira-numero-recorde-de-venezuelanos-atraversa-para-o-brasil.ghtml> > Data de acesso: 04 de setembro de 2019

No dia 02/05/2019, em matéria do JN, o contexto político da Venezuela é mostrado através da sonora do Ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Augusto Heleno, sobre as manifestações de Guaidó contra Maduro.

Figura 44: Ministro Augusto Heleno (JN - 02/05/2019)



Fonte: GloboPlay⁵⁰

Durante a matéria, imagens de manifestações em apoio a Guaidó são exibidas. Ao final, imagem de venezuelanos recolhendo objetos em aterro sanitário aparece encerrando a matéria, mostrando as consequências desses conflitos. Com o governo desestabilizado, a matéria remete à necessidade dos venezuelanos serem classificados como refugiados, já que um dos fatores para a pessoa receber o status de refugiada é a perseguição política.

Figura 45: Manifestação a favor de Guaidó (JN - 02/05/2019)



Fonte: GloboPlay

Figura 46: Venezuelanos coletando objetos em lixão (JN - 02/05/2019)



Fonte: GloboPlay

⁵⁰ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/7586765/>> Data de acesso: 04 de setembro de 2019

Em matéria do G1 do dia 21/05/2019, há o seguinte enunciado: “Cerca de 3,7 milhões de pessoas deixaram a Venezuela em decorrência da crise política, econômica e social que atinge o país nos últimos anos e merecem proteção como refugiados, afirmou nesta terça-feira (21) a agência de refugiados da Organização das Nações Unidas (ONU)”. Uma foto de um grupo de venezuelanos em uma ponte que liga a Venezuela e a Colômbia compõe a matéria. Com isso, há uma associação entre o discurso verbal e visual, onde a migração venezuelana ocorre pelos problemas políticos do país.

Figura 47: Imigrantes venezuelanos em ponte (G1 - 21/05/2019)



Fonte: G1

Outras matérias do G1 apresentam os grupos migratórios associados a uma imagem de precariedade, onde “a imagen colectiva que circula de las diversas categorías a las que un individuo pertenece, determina la construcción de la identidad del mismo frente a los otros” (BOTERO, 2017, p. 140). No dia 19/06/2019, o G1 retrata sobre a situação da vida de crianças e adolescentes venezuelanas, também imigrantes. Ao tratar sobre a falta de oportunidade de estudo, de uma residência fixa e os longos e cansativos trajetos que fizeram junto com seus responsáveis para chegar ao Brasil. Através de depoimentos, a matéria vai expondo a vida dos venezuelanos entrevistados. Um deles é da venezuelana Ronneilys, de 15 anos, que veio para o Brasil com seus dois irmãos, mas sem os pais. Em depoimento, ela diz: "Foi a primeira vez na vida que morei na rua, foi a primeira vez que tive que pedir comida".

Figura 48: Imagem da venezuelana Ronneilys (G1 - 19/06/2019)



Fonte: G1⁵¹

Ocupações ilegais também é outro tema abordado pelo G1. Em matéria do 28/06/2019, a narrativa apresenta a alternativa que alguns imigrantes venezuelanos encontraram para residir no Brasil, a ocupação de prédios e espaços abandonados, onde famílias inteiras vivem em uma condição precária.

Através de dados oficiais, imagens e relatos dos próprios venezuelanos, a matéria apresenta a condição de vida desses venezuelanos e os motivos de estarem vivendo nesses locais. O discurso presente demonstra que os venezuelanos passam por uma situação difícil, reflexo da crise em seu país, sendo a única solução uma vida mais simples no Brasil.

Figura 49: Local onde vive família de venezuelanos (G1 - 28/06/2019)



Fonte: G1⁵²

Nessas matérias, os termos utilizados pela mídia para se referir aos venezuelanos são [venezuelanos], [imigrantes] e [refugiados], sendo que o termo [venezuelano] está presente em todas as matérias dos meses de maio e junho de 2019. Se observarmos apenas a presença do termo, isolado do contexto, ele não parece ter importância, mas se levarmos o momento em que ele é utilizado, há um sentido atribuído a isso, pois, “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2010, p. 20). Essa presença do termo em todas as matérias desse período mostra que a mídia começa a abandonar a imagem do venezuelano apenas como um imigrante, dando a ele sua individualidade, reconhecendo suas particularidades no contexto migratório.

⁵¹ Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/19/a-dificil-vida-das-criancas-e-jovens-venezuelanos-no-norte-do-brasil-em-meio-a-crise-de-refugiados.ghtml> > Data de acesso: 07 de setembro de 2019

⁵² Disponível em: < <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/06/28/ocupacoes-crescem-e-mais-de-13-mil-venezuelanos-vivem-em-predios-abandonados-em-roraima.ghtml> > Data de acesso: 08 de setembro de 2019

Nos meses de julho e agosto, os venezuelanos deixam de ter sua imagem associada a algo degradante para uma vida comum dos brasileiros. As matérias desses meses os apresentam com emprego e moradia, além de oferecerem atividades diferenciadas baseadas em sua cultura, como cursos de língua e experiências culturais.

O SBT Brasil no dia 09/07/2019 apresenta uma matéria sobre um aplicativo que possibilita a troca cultural entre imigrantes e brasileiros. Durante a reportagem, é apresentada a vida de duas imigrantes no Brasil, uma da síria e outra do Congo, atribuindo importância às suas culturas, ao mostrar imagens de produtos que elas ensinam, como a fabricação de pão sírio e bonecas de pano africanas.

Figura 50: Imigrante síria fazendo pão (SBT Brasil - 09/07/2019)



Fonte: Youtube⁵³

Em entrevista, as duas falam dos motivos que as fizeram sair de seus países e como lidam com a vida no Brasil. O discurso presente na matéria reforça a ideia de que o processo migratório também significa aproximação entre povos, como colocado pela gerente de marketing do aplicativo na matéria, Sara Galvão: “O objetivo também é promover uma integração de comunidade, seja do lado do imigrante que ta vindo morar no Brasil, e também do próprio brasileiro pra que esse encontro aconteça e essas pessoas possam viver juntas em uma comunidade”.

Figura 51: Gerente Sara Galvão (SBT Brasil - 09/07/2019)



Fonte: Youtube

⁵³ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bj2SYQK5dII>>Data de acesso: 08 de setembro de 2019

A matéria reconhece que os imigrantes fazem parte da população brasileira, e que agora, começam a ter importância para o cenário cultural, como é colocado na introdução da matéria pelos âncoras: “O Brasil tem mais de dez mil refugiados reconhecidos pelo governo. Muitos permanecem invisíveis para a sociedade. Mas agora um aplicativo está oferecendo a oportunidade para os usuários viverem experiências culinárias e culturais nas casas dessas famílias”.

No dia 19/07/2019, a matéria publicada pelo R7 apresenta como título “Procurando um curso de línguas? Estude com um refugiado”, oferecendo um discurso de importância para a figura do refugiado, sendo ele o transmissor do conhecimento. No decorrer da matéria, diferentes relatos de refugiados, inclusive de um venezuelano, aparecem, junto com suas fotos. O objetivo da matéria é divulgar o curso ministrado por refugiados, além de atribuir importância à troca cultural promovida entre os imigrantes e seus alunos, como coloca a coordenadora geral do curso, Cleita Fernandes, em depoimento para o R7: “acreditamos que além do aprendizado do idioma com um professor nativo como é o caso dos professores de Espanhol e francês, a rica troca de cultural e sensibilização com a causa do refúgio, é o que mais impacta nos alunos”. Nessa matéria, a mídia atribui outros elementos de identificação da figura do refugiado, neste caso, o ensino e conhecimento, deixando de lado a imagem de refugiado como um sujeito indigente e nômade.

O R7 no dia 28/07/2019 traz em sua narrativa a atuação de um grupo que, através de doações, auxilia imigrantes venezuelanos a serem transferidos de Roraima para Minas Gerais e São Paulo. Através do seguinte enunciado: “O Refúgio 343 (nome do grupo) conta com a ajuda de colaboradores para dar assistência aos refugiados. Cada grupo de voluntários fica responsável por dar suporte e assistir uma família”, a matéria oferece um sentido de que a contribuição de brasileiros para os imigrantes venezuelanos é vista como algo positivo, a ajuda oferecida busca proporcionar aos imigrantes uma chance de vida melhor.

O discurso de ajuda, de brasileiros para venezuelanos, aparece novamente na matéria do G1 do dia 03/07/2019. Ao utilizar a história de um pai e filho venezuelanos que vieram ao Brasil, como personagens para compor a narrativa, a matéria expõe, através de relatos dos próprios venezuelanos, os problemas que enfrentavam no país natal. No seguinte enunciado, presente na matéria, Richard Rondón, o pai, diz: “Faltam alimentos. Por conta da situação de guerra não dá para voltar ao país nesse momento. Não tínhamos comida, muito menos dinheiro para se comprar. O que acontece são trocas nas quais a população se ajuda. Fazemos permutas para que todos possam ter o mínimo”. Aqui, a fala do venezuelano transmite a ideia

de que a migração para o Brasil é algo bom para ele, comparado a viver na Venezuela. Novamente, o discurso presente está atrelado a uma crítica ao governo do país vizinho, sendo a vida no Brasil melhor.

A matéria segue para um discurso de ajuda, onde a imagem dos brasileiros está associada a sujeitos caridosos e prestativos, que se importam com o bem-estar dos venezuelanos, como mostra o seguinte enunciado: “Pai e filho foram recebidos nesta segunda-feira (1º) no aeroporto de Uberlândia por voluntários da Adra, que conseguiram apartamento e emprego para os dois em uma indústria de alumínio na cidade.”

Figura 52: Pai e filho venezuelanos recebidos por voluntários (G1 - 03/07/2019)



Fonte: G1⁵⁴

Nessas matérias, os venezuelanos se apresentam mais próximos da vida dos brasileiros, seja visitando a casa deles para levar conhecimentos culturais, como mostrado na matéria do SBT Brasil (09/07/2019) e do R7 (19/07/2019), e a ajuda que os imigrantes ainda possuem de grupos e voluntários brasileiros, presentes nas matérias do R7 (28/07/2019) e do G1 (03/07/2019), matérias que reforçam o pensamento de Hall (2008, p. 43) sobre a imigração, livre e forçada, com o papel de alterar e diversificar a cultura e identidade de povos por todo o globo.

Ou seja, a construção da imagem do imigrante venezuelano no último período analisado, se altera duas vezes, para aquele que sofre as consequências de um governo que a mídia apresenta como tendo uma crise, e depois, sua figura passa a ser mostrada como parte da população brasileira, adequando seu estilo de vida e não o distinguindo como um grupo à parte, mas que é beneficiado pela ajuda dos brasileiros e oferecendo trocas culturais.

Ao analisar todo o conjunto de meses de representação dos imigrantes venezuelanos pela mídia brasileira, percebe-se que houve mudanças na imagem associada à figura do

⁵⁴ Disponível em: < <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2019/07/03/refugiados-da-venezuela-pai-e-filho-conseguem-emprego-e-moradia-em-uberlandia.ghtml>> Data de acesso: 10 de setembro de 2019

sujeito venezuelano, algo natural pois “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2008, p. 27), não sendo fixa.

Em cada trimestre, diferentes representações foram expostas pela mídia, dadas pelo contexto em que cada uma se encontrava, já que os gestos de interpretação “nada mais são do que a colocação do objeto a ser lido em uma rede de relações, porque os efeitos de sentido ocorrentes em um texto não se encontram ali prévia e naturalmente dados” (SOUZA, 2014, p. 49), sendo necessário o contexto em que se dá o discurso “para interpretar um texto”(SOUZA, 2014, p. 50).

Elementos como entrevistas, identificação dos personagens ou a isenção dela e imagens para representar as narrativas, em certos momentos se mantinham, em outros se alteravam. Fenômeno denominado como jogo de identidade, pois

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 20-21)

No início do ano de 2018, as matérias apresentavam certa contradição em relação ao tratamento dado ao venezuelano. Ao mesmo tempo em que ela apresentava uma crise política na Venezuela, citando perseguição política e problemas sociais, ela não retratava o venezuelano como sendo um refugiado, apenas como alguém responsável pelos problemas resultados no Brasil.

Nos meses de fevereiro, março e abril, em consequência do início da intensificação da migração venezuelana, o venezuelano era representado como um sujeito retirante, a partir de imagens o mostrando residindo em praças, se deslocando pela estrada e não possuindo um local para se fixar, além de ter a sua imagem associada a um grupo social, e não um indivíduo com características únicas, onde o imigrante venezuelano

es al mismo tiempo, individuo [determinado por sus relaciones de parentesco, laborales, por una identidad sexual], en su esfera privada, pero a partir del momento en que comienza el periplo, se convierte a su vez, en colectivo [inmigrante, emigrante representante del colectivo colombiano] lo que reenvía a la construcción de identidades múltiples², no solamente desde el punto de vista de su país de origen sino también desde el punto de vista del país en el que se instalan (BOTERO, 2017, p. 132-133)

Já no mês de abril de 2018, dentro do cenário migratório aparece a atuação da figura política brasileira. Com o intenso número de venezuelanos que entram no país, o governo teve

de adotar medidas para controlar o fluxo de pessoas na região de Roraima. As decisões tomadas no âmbito político foram apresentadas pela mídia como forma de contribuição para melhorar a vida dos imigrantes, com matérias que abordavam a reconstrução de vida de venezuelanos no Brasil.

Neste período, até mesmo a atribuição de importância é aplicada à figura política. Fontes presentes nas matérias também aparecem em destaque, já que sempre são identificadas pelo nome completo e cargo. Já os venezuelanos somente são identificados pelo nome. Em maio, junho e julho, a figura do venezuelano continua a se associar à ideia de sujeito nômade, com imagens deles de deslocamento, seja embarcando em aviões ou esperando ônibus em rodoviária.

Aqui, as matérias atribuem importância para o movimento migratório, passado a ser visto como uma questão social, por utilizar dados sobre o cenário e sonoras de órgãos importantes para a migração, como a ONU.

Neste período, a mídia também reconhece que a imigração também afeta os imigrantes, e não somente o Brasil. Porém, esse reconhecimento aparentar ter um tom de crítica em relação ao governo da Venezuela, no caso a Maduro. Através de representações, com os venezuelanos tendo abandonado bons empregos no país para exercerem profissões mais simples no Brasil, e que necessitam da ajuda de terceiros, suas falas são utilizadas para criticar a figura do presidente Maduro, sendo ele associado à imagem dos problemas que a Venezuela enfrenta.

Os conflitos ocorridos na cidade de Pacaraima, em Roraima, foi o contexto que influenciou a representação nos meses de agosto, setembro e outubro de 2018. Aqui, a imagem dos venezuelanos está associada à violência, desorganização por estarem envolvidos nos protestos de brasileiros contra o grupo migratório.

A justificativa para a presença de conflitos se dá pela cidade de Pacaraima ser uma área fronteiriça, e “as zonas fronteiriças constituem espaços onde se produzem identidades transnacionais, assim como conflitos entre grupos nacionais” (COLVERO; PINTO; RETAMOSO, 2017, p. 5).

Neste cenário, a mídia insere a fala dos venezuelanos para se defenderem, justificar sua presença no Brasil, a fim de desqualificar os protestos contra eles. Ao mesmo tempo em que a mídia abre espaço para a fala dos venezuelanos, ela também justifica os ataques a partir de dados sobre a questão econômica e social no estado de Roraima, em que mostra uma região sem estrutura para atender muitas pessoas. Novamente, a imagem do venezuelano está associada a um sujeito nômade e indigente, sendo justificado pela intensificação do projeto de

interiorização dos imigrantes, o que mostra que a mídia não teve “cautela para que as narrativas dos fatos não se transformem em instrumentos na tentativa de afastar o nosso dever moral de acolhimento e de assegurar os direitos daqueles que estão em situação de refúgio” (TEIXEIRA; ZACKSESKI, 2017, p. 180).

Nos meses de novembro, dezembro de 2018 e janeiro de 2019, a mídia expõe a dimensão do movimento migratório, ao informar quais países que mais recebem imigrantes e as dificuldades que esse grupo enfrenta. Órgãos e autoridades no assunto voltam a aparecer para dar credibilidade ao movimento, a partir da opinião de especialistas na área migratória, como a ONU e PMA.

A imagem dos venezuelanos surge atrelada a um discurso de ajuda, de tentativa de recomeço de vida. Representação que está ligada ao contexto apresentado neste período, com a crise financeira na Venezuela, resultado de anos de problemas econômicos no país. Com isso, a mídia coloca a migração venezuelana como um problema social e não um acontecimento sem justificativa, atribuindo esse problema social como consequência da má gestão do governo da Venezuela.

Novamente, a imagem do venezuelano está associada a um sujeito que possui um estilo de vida mais baixa, degradante, para sobreviver. Com o contexto dos conflitos entre apoiadores de Juan Guaidó e Nicolás Maduro na Venezuela e o aumento da inflação no país, em fevereiro, março e abril de 2019, a imagem dos venezuelanos se associa a conflitos e manifestações ocorridas no país, cenário para justificar a migração de venezuelanos pela mídia.

Neste período, os imigrantes venezuelanos deixam de ser vistos como um problema para também serem afetados pela política de Maduro. Além disso, com o discurso apresentado pelas mídias, a figura do venezuelano é vista como necessária para o Brasil, especificamente na região de Roraima, visto que setores como o comércio e ensino dependem da presença dos venezuelanos para se manter. Ou seja, os problemas que antes eram atribuídos aos venezuelanos, agora ocorrem em consequência da política da Venezuela.

Aqui, a presença da fala de venezuelanos novamente se dá como justificativa para criticar o governo da Venezuela. Através de depoimentos sobre a opinião do país vizinho, é atribuído a autoridade aos venezuelanos, visto que a mídia utiliza recortes negativos para caracterizar o cenário político do país.

Durante os meses de maio e junho, as matérias mostram os venezuelanos como um grupo que passa por dificuldades. O contexto presente é a classificação da ONU em maio de 2019 dos venezuelanos como refugiados. No cenário político, imagens de venezuelanos

associadas a conflitos e manifestações são presentes, colocando que a migração no país também é em decorrência dos problemas políticos do país.

Para se referir ao grupo migratório, a mídia utiliza neste período os termos [imigrante], [refugiado] e [venezuelano], reconhecendo as particularidades dos imigrantes, diferente da atribuição anterior dada a esses termos no primeiro trimestre em que estavam associados a ideia de problema, pois, “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes” (ORLANDI, 2010, p. 44).

Nos últimos meses de análise, é presente a atribuição de importância do fenômeno da diáspora. Em julho e agosto, os venezuelanos são mostrados tentando uma vida igual à dos brasileiros, tendo as matérias um sentido de aproximação entre os imigrantes venezuelanos e brasileiros. Nas matérias, as narrativas mostram os imigrantes oferecendo trocas culturais e se adaptando ao cenário brasileiro, além da visibilidade da figura do imigrante em entrevistas, dando seus depoimentos sobre a vida no Brasil.

Neste contexto, os refugiados já são apresentados como parte da sociedade brasileira, tendo como elemento de representação o conhecimento e ensino, atrelado à troca cultural que eles oferecem pelo processo de migração, mas que ainda dependem da ajuda dos brasileiros para os auxiliarem.

A partir da análise realizada, se percebe que a mídia atua como um dispositivo disciplinar, que funciona “como significações dadas a partir de uma organização discursiva de base, da qual derivam e na qual sustentam. Tais dispositivos aparecem então como uma progressão dessa propriedade primeira, no preenchimento do desenho, na composição do mapa” (GOMES, 2004, p. 15). Sabendo que nem toda a população brasileira tem ou teve um contato direto com imigrantes, a mídia acaba sendo a referência pela qual o público adota para entender e conhecer a figura do imigrante.

Entretanto, a mídia não exerce seu papel de dispositivo disciplinar para romper estereótipos associados à imagem do migrante. No período do último período de análise, ela associa a figura do imigrante venezuelano a um sujeito nômade e indigente, e que “a pesar de las múltiples identidades que poseemos, vemos como la identidad individual pasa a un segundo plano siendo más importante la identidad social¹⁸ que va a ser determinada por el outro (BOTERO, 2017, p. 145), ou seja, as representações feitas pela mídia aos grupos venezuelanos parece se aplicar a todos eles, sem evidenciar que há indivíduos diferentes nesses grupos.

Até mesmo quando a mídia apresenta o sujeito venezuelano de forma positiva, associa que as conquistas e benefícios que ele teve só foram possíveis graças ao papel acolhedor e

prestativo de brasileiros, sejam pessoas ou grupos sociais. O que resulta em um pensamento de dependência de um terceiro para uma vida melhor, atrelado a ideia de dispersão de povos como algo natural que compõe a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar qual a representação que a mídia brasileira fez dos imigrantes venezuelanos no Brasil entre o período de fevereiro de 2018 a agosto de 2019. Sua relevância está atribuída ao modo como vemos o imigrante, sendo essa visão construída pelos elementos discursivos oferecidos pela mídia consumida. Muitas vezes, não refletimos sobre a maneira que enxergamos o outro, quando nossos pensamentos e percepções não refletem a realidade. Ela é apenas construída e tomamos como verdadeira em relação ao mundo.

O contexto histórico-político e econômico dos últimos dois anos foi um fator decisivo pelo que consideramos a relevância deste trabalho, na escolha que fizemos por esta pesquisa. Com a presença das caravanas de imigrantes em direção aos Estados Unidos e ao México, a decisão do Brasil de sair do Pacto Global para a Migração, a disputa política venezuelana entre o então atual presidente do país, Nicolás Maduro e o presidente da Assembleia Nacional da Venezuela, Juan Guaidó, e que resultou em protestos dos dois lados do conflito político, além da crise econômica presente naquele país e que colocou a migração venezuelana em um cenário de desestabilização da ideia de sociedade globalizada, com as suas fronteiras geográficas servindo de únicos elementos de divisão entre povos vizinhos, todas estas questões nortearam nossas escolhas e interesse pelo tema.

A partir da utilização das teorias do jornalismo, dos estudos culturais, baseados nos conceitos de Stuart Hall, e da análise do discurso nas matérias analisadas de cinco veículos diferentes, se percebeu que a mídia representou por um tempo relativamente longo no conjunto da amostra que analisamos os imigrantes venezuelanos como sujeitos nômades, indigentes e dependentes que necessitam da ajuda de terceiros, no caso, brasileiros, para conseguir uma vida melhor, atribuindo esse estereótipo a sua figura pela repetição que essa representação aparece nas matérias. Essa representação foi notada através da análise das imagens utilizadas durante as matérias, associadas ao discurso verbal, também analisado, que elas apresentavam e o contexto em que ocorriam. Verificamos que apenas após quase um ano de cobertura jornalística com este viés é que a imprensa que recortamos para estudo mudou suas narrativas e retirou um pouco o estereótipo sobre a figura do imigrante venezuelano.

Durante a análise, se percebeu também que a mídia em questão se utilizou da migração venezuelana como forma de crítica ao governo da Venezuela, comandada pelo atual presidente, Nicolás Maduro. Ou seja, a mídia não atribuiu devida importância ao fenômeno migratório, por um tempo relativamente longo, de meses de cobertura, não valorizando como um fenômeno natural da história humana e que sempre foi recorrente em todas as civilizações,

por mais particular que sejam cada um dos fluxos de migração, de troca cultural que acontecem através da inserção de um novo grupo étnico em um ambiente diferente em relação à contribuição que esses movimentos oferecem, podendo resultar em uma sociedade plural e sem fronteiras mentais de exclusão.

A metodologia presente foi importante para perceber como os discursos que consumimos diariamente da mídia oferecem a todo instante elementos que constroem nosso imaginário e formas de ver o mundo, além de ter uma aproximação entre as teorias dos estudos culturais e da análise do discurso, entendidas neste trabalho como convergentes e complementares.

Por estabelecer um determinado estereótipo sobre a figura do imigrante venezuelano, a mídia não faz bom uso de seu papel como dispositivo disciplinar. Sabendo que a sociedade a utiliza como parâmetro para interpretar e ver o mundo, é sua função eliminar os estereótipos já estabelecidos e construir novos discursos para alterar a percepção sobre os grupos étnicos.

Com isso, se poderiam evitar novos episódios de intolerância como o ocorrido em Pacaraima, Roraima, em agosto de 2018, onde um acontecimento motivado por desatenção dos setores políticos da região, e que se tornou um problema para a população local, vendo a violência como única solução. Não somente evitar novos conflitos, mas também não deixar que a sociedade esqueça que o mundo está em constante mudança, causada pela migração de povos e os problemas que esses grupos enfrentam em busca de uma vida melhor, ao se arrisarem em alto mar ou trilhas clandestinas não é um problema apenas de uma nação ou outra, mas do mundo global.

Espera-se com esse trabalho inspirar novas pesquisas sobre a representação da mídia no cenário migratório, para observar se há mudanças de comportamento e valorização da figura do imigrante, sujeito necessário em uma sociedade globalizada, onde fronteiras de exclusão são presentes, estabelecidas em consequência da intolerância por diferenças étnicas e raciais.

Pela visão profissional, a importância da pesquisa se dá para que futuros jornalistas possam perceber como seu trabalho interfere na imagem que se constrói do outro. Não é somente a responsabilidade de informar, mas oferecer à população um cenário distante de sua realidade, levando em conta os princípios éticos e profissionais da área para não criar estereótipos e perceber que todos os indivíduos são únicos, com identidades e culturas diferentes.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**. ACNUR Brasil. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>> (Data de acesso: 16 de out. de 2019)

AFP. **ONU alerta para piora da crise de refugiados venezuelanos em 2020**. Correio do Povo, 2019. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/onu-alerta-para-piora-da-crise-de-refugiados-venezuelanos-em-2020-1.376058>>(Data de acesso: 16 de out. de 2019).

ALBUQUERQUE et al. HUNTINGTON, Samuel. **O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

AMOSSY, R.; ZAVAGLIA, A. **O lugar da argumentação na Análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos**. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 9, p. 121-146, 2 jun. 2007.

AMOSSY, Ruth. **É possível integrar a argumentação na Análise do Discurso? Problemas e desafios**. ReVEL. Vol. 14, n. 12, 2016.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU (1948). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. UNIC/ Rio/ 005, janeiro 2009.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; FRAZÃO, Samira Moratti. **Análise de representações de fluxos migratórios contemporâneos na narrativa jornalística brasileira sob a perspectiva do conceito de pânico moral**. INTERIN, v. 22, n. 1, p. 111- 130. Jan./jun. 2017

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª edição, 2006.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin Mikhail**. São Paulo: Edusp, 1994.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BICHARA, Jahyr-Philippe. **O tratamento do apátrida na nova lei de migração: Entre avanços e retrocessos**. Revista de Direito Internacional, vol. 14, nº 2, 2017.

BOTERO, Victoria Elena Bazurto. **A representação do migrante colombiano na imprensa colombiana: do espaço individual ao espaço colectivo**. INTERIN, v. 22, n. 1, p. 131- 148. Jan./jun. 2017

BRASIL. Comitê Federal de Assistência Emergencial. **RELATÓRIO TRIMESTRAL**. Maio/2018.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

COLVERO, Ronaldo Bernardino, et al. **História e direito: um estudo sobre migrantes, refugiados, vulnerabilidade de gênero e fronteiras político-culturais instáveis**. Relações de fronteira e interdisciplinaridades 3. São Borja: Unipampa; Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2019.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; PINTO, Muriel; RETAMOSO, Alex S. Barcellos. **Integração ou separação? Uma reflexão sobre a governança territorial no Prata a partir da construção da ponte da integração São Borja-Brasil/ Santo Tomé-Argentina**. Revista franco-brasileira de geografia- Confins, n. 31. 2017.

COOK, Timothy E. **O jornalismo político**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. p. 203-247. Brasília, julho - dezembro de 2011.

CUNHA, Isabel Ferin. **Imagens da Imigração em Portugal**. In: Revista Media & Jornalismo. Coimbra: Minerva, 2003.

ELHAJJI, Mohammed. **Migrantes, uma minoria transacional em busca de cidadania universal**. INTERIN, v. 22, n. 1, p. 203- 220. Jan./jun. 2017.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **ANÁLISE DO DISCURSO - reflexões introdutórias**. Editora: Claraluz, 2013.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FILHA, Elza A. de Oliveira; MORONI, Alyohha de Oliveira. **Estereótipos no telejornalismo brasileiro: identificação e reforço**. Intercom - Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008

FISCHMAN, Roseli; KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Mídia e Tolerância: A Ciência Construindo Caminhos de Liberdade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002

FOLLY, Maiara. **Saída do acordo global sobre migrações pode impactar brasileiros no exterior**. El País, 12 de janeiro, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/12/opinion/1547304022_687377.html> (Data de acesso: 15 de out. de 2019)

GADINI, Sérgio Luiz. **Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade**. Revista FAMECO. Porto Alegre, nº 22, agosto, 2007.

GOÉS, DecMaria C. Rafael de. **A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, julho/00

GOMES, Mayra Rodrigues. **Identificações entre o ethos do trabalho e o do bem-estar**. Conexão - Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 13-25, jan./ju. 2006.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e filosofia da comunicação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: conceituando a mudança social e cultural**. São Paulo - Brasil, 2014.

Julia Kristeva. **Introdução à Semanálise**. 2ª edição-São Paulo: Perspectiva, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. **Mídia e Democracia no Brasil**. A Ciência Construindo Caminhos de Liberdade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LANGER, André. **Achille Mbembe: “A era do humanismo está terminando”**. 24 de janeiro, 2017. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando> > (Data de acesso: 16 de out. de 2019).

OEC. **Venezuela**. 2017. Disponível em: < <https://oec.world/pt/profile/country/ven/#Importa%C3%A7%C3%A3o> > (Data de acesso: 17 de out. de 2019).

OPEC. **Oil trade**. 2019. Disponível em: < <https://asb.opec.org/index.php/interactive-charts/oil-trade> > (Data de acesso: 16 de out. de 2019).

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

PARZIANELLO, Geder Luis. **As formações discursivas midiáticas sobre movimentos de migração em massa: os refugiados da Alemanha e Venezuela na imprensa**. VIII Congresso Internacional de Análise do Discurso. Minas Gerais: Pouso Alegre, 2019.

PESSOA, Sônia Caldas. **Imaginários Sociodiscursivos sobre a deficiência- Experiências e partilhas**. Belo Horizonte (MG): PPGCOM, 2018.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso: Introdução à análise de discursos**. 2ª edição- São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PINTO, Muriel. **A identidade socioterritorial missioneira na cidade histórica de São Borja- RS: As hegemonias de poder sobre uma identidade tradicional enraizada entre antigas reduções jesuítico-guarani**. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Porto Alegre, 2015.

RESENDE, Fernando. **O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 14, p. 81-93, dez. 2007.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol.II, Nº 1 - 1º Semestre de 2005.

SILVEIRA, Daniel. **Brasil tem cerca de 30,8 mil imigrantes venezuelanos; somente em 2018 chegaram 10 mil, diz IBGE**. G1, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/08/29/brasil-tem-cerca-de-308-mil-imigrantes-venezuelanos-somente-em-2018-chegaram-10-mil-diz-ibge.ghtml> > (Data de acesso: 15 de out. de 2019)

SOUSA, Jorge Pedro. **Estereotipização e discurso foto jornalístico nos diários portugueses de referência: Os casos do Diário de Notícias e Público**. Universidade Fernando Pessoa, 2002.

SOUZA, Pedro de. **Análise de Discurso**. UFSC. Florianópolis - 2014.

TEIXEIRA, Gabriel Haddad; ZACKESKI, Cristina Maria. **O refúgio que você pode ver: uma análise do discurso da mídia brasileira sobre o refúgio**. INTERIN, v. 22, n. 1, p. 168-183. Jan./jun. 2017

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.